

A photograph with a strong yellow-orange tint. In the foreground, a woman with voluminous curly hair is leaning over a large, shallow, light-colored bowl filled with water. She is washing her hands, and her face is partially visible as she looks down. She wears a patterned top and a necklace. In the background, another person is sitting on a stool, looking away. The floor is light-colored wood. The overall mood is contemplative and focused.

**PESQUISA
COMO
RITUAL:
CINCO
MOVIMENTOS
GERMINANTES**

**ORGANIZADORA:
DÉA TRANCOSO**





Banho de Ervas, por Fanuela de Oliveira Vasconcelos, realizado na abertura (descarrego) e no encerramento (nutrição) da disciplina. Registro fotográfico por Déa Trancoso.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS (UEA)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
EM CIÊNCIAS NA AMAZÔNIA (PPGEEC)

PESQUISA COMO RITUAL: CINCO MOVIMENTOS GERMINANTES
ciência, filosofia, método, arte e magia

ciência como carne que toca
filosofia como osso que escuta
método como mão que risca
arte como cura que assina
magia como paradigma que regenera

UMA ABORDAGEM CONTRACOLONIAL PARA A DISCIPLINA ELETIVA
“AS BASES EPISTEMOLÓGICAS DO ENSINO DE CIÊNCIAS”

Professora: Déa Trancoso

*(Alcidéia Margareth Rocha Trancoso – Bolsista PIPD/Programa Institucional
de Pós-Doutorado/Universidade do Estado do Amazonas/Programa de Pós-
Graduação em Educação em Ciências na Amazônia)*

Período: 2025.2

Carga Horária: 60h

Método: Metodologia das sutilezas/Filosofia da diferença: atenção
plurissensorial, práticas ancestralmente orientadas

Modalidade: Jornada-ateliê transdisciplinar: presença, corpo e voz
(movimentações performativas, observação/espectação, leitura e escrita)

PESQUISADORES (MESTRANDOS/GRADUANDOS)

Alcidéia Margareth Rocha Trancoso (Déa Trancoso)

Addryan Ryan Torres Cruz

Ana Maria Xavier da Silva Neta

Caroline Barroncas de Oliveira

Eriane da Silva Lima

Fanuela de Oliveira Vasconcelos

Jackeline dos Santos Monteiro

Jucinei de Souza Pereira

Hannyn Barbara Garcia

Herisson de Lima Nery

Ingrid do Nascimento Barros

Kamila Queiróz Guimarães

Lucia Cristina Cortez de Barros Santos

Maria Juciléia da Silva Lima

Matthaeus Anderson Lima de Jesus

Mônica de Oliveira Costa

Natália Francisca Pereira Franco

Nathália Moreira Nunes

Paulo Roberto Silva dos Anjos

Yara de Sousa Basílio

Silmara Mendonça dos Santos

Vinícius Costa Matos

Vitor de Lima Gonçalves



TUM TUM TUM PRODUÇÕES **arte, filosofia e ciências divinatórias**

PESQUISA COMO RITUAL: CINCO MOVIMENTOS GERMINANTES

Déa Trancoso

Concepção, organização, coordenação editorial, ensaios, escrituras feitas à mão, resumos, edição/revisão de textos, registros fotográficos

Caroline Barroncas de Oliveira e Mônica de Oliveira Costa

Supervisão Pós-Doc, supervisão disciplina eletiva, ensaios, escrituras feitas à mão, registros fotográficos

Pesquisadores

Ensaio, escrituras feitas à mão, desenhos, bricolagens, registros fotográficos

Grupo de pesquisa

Vidar em in-tensões (https://www.instagram.com/vidaremin_tensoes/)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) **(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Pesquisa como ritual [livro eletrônico] : cinco
movimentos germinantes / organização Déa
Trancoso. -- Belo Horizonte, MG : Tum
Tum Tum Produções, 2025.
PDF

Vários colaboradores.
ISBN 978-65-989750-0-5

1. Artes 2. Ciências 3. Filosofia 4. Pesquisas
educacionais 5. Professores - Formação I. Trancoso,
Déa.

25-318600.0

CDD-370.71

Índices para catálogo sistemático:

1. Professores : Formação : Educação 370.71

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

Uma aula é uma emoção.

(Gilles Deleuze, 1989)

Ser espécie, neste momento, é ter o coração na tempestade. O papel da ciência, então, é tornar a ciência uma alegria disponível para as pessoas.

(Donna Haraway, 2020)

RESUMO

Gilles Deleuze (1996) diz no “Abecedário” que a gente não precisa entender tudo que uma aula propõe, basta acordar a tempo de captar o que o corpo pede. O exercício docente é uma das partes mais bonitas de uma pesquisa de pós-doutorado. A possibilidade de produzir e partilhar conhecimento à moda de Exu, na qual cada um é uma linha acrescentando tecido, costura e axé, é mesmo pura potência. Foi assim em “Pesquisa como ritual: cinco movimentos germinantes” e este livro é fruto desse nosso laboratório-ateliê híbrido e aberto. Nós todos (em *corpos taru andé radicalmente vivos*, levando muito a sério a transdisciplinaridade) contemplamos, observamos, lemos em voz alta, ouvimos, concordamos, discordamos, escrevemos, bricolamos, desenhamos, performamos, caminhamos pela floresta, tomamos banho de rio: deslocamos o corpo e o pensamento – colocamos a universidade no colo da vida.

PALAVRAS-CHAVE: Metodologia das Sutilezas. Filosofia da Diferença. Práticas Educacionais Emancipatórias. Cartografias Autobiográficas. Pesquisa como Ritual.

SUMÁRIO

09EMENTA

10OBJETIVOS

11CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

13ESTRUTURA DETALHADA

22RESUMÃO 1

28RESUMÃO 2

37RESUMÃO 3

40AULA DE CAMPO NO MUSEU DA AMAZÔNIA

42AULA DE CAMPO NO RIO NEGRO

45ALGUNS INDÍCIOS SOBRE O CORPO

Inspirada na Aula Magna “58 indícios sobre o corpo”, do professor Jean-Luc Nancy: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistadaufmg/article/view/2710>

Produzidos em sala de aula, os textos foram escritos à mão sobre papel machê, confeccionado por Eriane da Silva Lima.

59ENCRUZILHADAS DE EXU: BRICOLANDO BRECHAS

Produzido em sala de aula, com técnicas e materiais diversos, sob a cantoria dedicada especialmente aos bois Caprichoso e Garantido.

65PERFORMANCES DESCOLONIZADORAS

Links para exercícios produzidos em sala de aula.

66LAVANDO PALAVRAS COM GILLES DELEUZE

Trabalho final da disciplina, produzido fora da sala de aula: ensaios curtos.

EMENTA

Disciplina prático-teórica (**jornada-ateliê transdisciplinar**) cuja proposta é pesquisa e docência como atos corporais, políticos e sagrados, apresentando um tríptico indissociável para elas: **observação (espectação), leitura e escrita, acompanhado de pequenas e intermitentes movimentações performativas.**

Percorre **cinco movimentos germinativos**, através dos quais a pesquisa e o ensino podem florescer: **ciência** (toque material: ciência como carne que toca), **filosofia** (escuta crítica: filosofia como osso que, para além de uma significativa genealogia do pensamento, oferece e promove escuta profunda), **método** (cartografia viva: método como mão que risca ponto no chão da terra), **arte** (assinatura afetiva: arte como intensidades e devires – mais fortes que a própria vida – que assinam curando essa mesma vida) e **magia** (cura transformadora de visíveis e invisíveis: magia como paradigma que regenera).

Inclui saídas de campo para **alianças com não humanos** (árvores, rios): Museu da Amazônia e Rio Negro.

Inclui **observação diária das estrelas** como hábito de escuta não racional para contemplar sem julgamento, leitura meditativa, escrita inventiva.

Inclui **exercícios xamânicos concebidos e modulados por Exu** para diálogos sobre modos de existência e consciência sem sujeito.

OBJETIVOS

1. **Experimental Exu** como epistemologia válida e credibilizada;
2. **Fundamentar a pesquisa e a docência** a partir de epistemologias/metodologias emancipatórias, descolonizadoras e contracoloniais de encantaria;
3. **Descolonizar o pensamento, a bibliografia e a produção científica**, privilegiando ciências negras (Exu, Antônio Bispo dos Santos, Chimamanda Adichie, Carolina de Jesus), indígenas (Ailton Krenak, Davi Kopenawa, Viveiros de Castro), e, ainda, indigenando, enegrecendo e exunizando pensadores do campo imanente: Ovídio, Spinoza, Gilles Deleuze, Michel Foucault, Roland Barthes, Félix Guattari, Nietzsche, Isabelle Stengers, Giorgio Agamben, Donna Haraway;
4. **Corporificar o processo de pesquisa e produção de conhecimento**, postulando que a educação se faz e se sente com o corpo inteiro: modos de pesquisar, conhecer e ensinar em meio à vida;
5. **Exercitar a cartografia** como um modo de vida e um método encarnado de produção de conhecimento, mesmo quando ela não é a metodologia principal;
6. **Criar artefatos/gestos/conduções** que dialoguem com intuição, alegria, cura, rebeldia e justiça epistêmica;
7. **Propor observação, leitura e escrita** como tríptico indissociável de pesquisa, aprendizagem e ensino;
8. **Produzir ressonâncias** entre pesquisa, produção de saber, ensino e autoconhecimento.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

PASSO-A-PASSO

Dicas:

- Produção artesanal de um **Caderno de Processos** para breves anotações de leituras prévias, exercícios xamânicos, sonhos – a ser compartilhado no final;
- Não realizar todos o exercícios de uma vez. Ex: o da aula 1, faça um dia antes da aula 1, o da aula 2, um dia antes da aula 2, e assim por diante;
- Não se preocupar com os livros. Eu os levarei.
- Concentrar em fazer o “em casa” e chegar para o “em sala” descansados, pacientes e afiados;
- Materiais obrigatórios: **corpo, alma, coração aberto, ouvido pensante, olhos da nuca**, 1 caderno de processos, 1 caixa de lápis de cor simples, 1 lápis, 1 borracha, 1 caneta, 1 cola bastão, 1 revista velha.

Em casa 1:

- Apreciação musical;
- Espectação vídeo.

Em casa 2:

- Exercício xamânico de Exu (água serenada).

Em sala:

- Flauta Uruá + respiração artística diária;
- Mergulho em livros, com leituras coletivas em voz alta + diálogos transversais;
- Exercícios corporificados;
- Exercícios de escrita-relâmpago no Caderno de Processos.

Outras brechas – durante toda a disciplina:

- Aliança com as estrelas, observando-as como hábito para escutas e escritas não racionais;
- Exercício xamânico de exu “Escute a terra!”: prática inicial das aulas de campo em aliança com floresta e rio;
- Sarau final: exposição de Cadernos de Processos (registros das aulas, sonhos, exercícios xamânicos – “água serenada” e “escute a terra!”), mapas cartográficos e apresentação de pequenas cenas curtas a partir desses registros; performance coletiva;
- Produção de um e-book da disciplina, com toda a produção realizada.

Exercícios finais:

- Indícios sobre o corpo;
- Encruzilhadas de Exu: bricolando brechas;
- Performance “O que é ciência?”;
- Lavando palavras COM Gilles Deleuze.

ESTRUTURA DETALHADA

BLOCO 1: CIÊNCIA (CARNE QUE TOCA) – 2 aulas

Descolonizando a produção de conhecimento e reencantando o mundo: ciência como prática sensorial encarnada e produção cultural, para além da objetividade clássica.

Aula 1:

- Lavando a palavra ciência;
- Ciências de encruzilhada como (re)encantamento do mundo;
- Exu como epistemologia contracolonial a ser reconhecida e credibilizada: um acelerador de partículas de encantaria, atravessando o pensamento ocidental.

Para ser apreciado em casa, antes da aula (realizem as atividades na íntegra e na sequência proposta):

OYÁ, Mestra Teca de. Catimbó. Álbum musical produzido por Casa das Matas dos Reis Malunguinhos e O Criatório em Gravatá, Pernambuco. Produção musical e fonográfica de Alexandre L'Omi L'Odo e Henrique Falcão, 2025.

Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=MibsWObusHY&list=RDMibsWObusHY&start_radio=1&t=19s

Anote no Caderno de Processos (até 10 linhas): o álbum te move/perturba? em quais passagens? em que parte do corpo? como esse movimento/perturbação dialoga com a sua pesquisa?

KRENAK, Ailton; CASTRO, Eduardo Viveiros de. *Conversas na Rede*. Selvagem Ciclos de Estudos sobre a Vida.

Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=wp5NlnNE4BI>

Anote no Caderno de Processos (até 10 linhas): como Krenak e Viveiros abordam a ciência? Exu atravessa essa abordagem? como?

Aula 2:

- Lavando a palavra linguagem;
- A linguagem como invenção de mundos;
- Palavra, imagem e gesto como seres de encantaria;
- o conceito como medicina (alma e linguagem para o Povo Guarani).

Para ser apreciado em casa, antes da aula (realizem as atividades na íntegra e na sequência proposta):

MARTINS, Leda Maria. *Itaú Cultural: trajetórias*.

Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=Y8T02-dasUc&t=617s>

Anote no Caderno de Processos (até 10 linhas): como pesquisar sem achatar o que se pesquisa?

ÑANDE REKU ARANDU: MEMÓRIA VIVA GUARANI. Álbum musical cantado por grupos de crianças de quatro aldeias Guarani: Sapucaí/Angra dos Reis, Rio Silveira/São Sebastião, Morro da Saudade/São Paulo, Jaexaá Porã/Ubatuba. Gravado na aldeia Jaexaá Porã, em 2000.

Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=l469uaunv6A&list=RDL469uaunv6A&start_radio=1&t=329s

(OBS: Ouçam esse álbum ao ar livre ou vendo alguma natureza).

Anote no Caderno de Processos (até 10 linhas): se Exu é epistemologia que não achata o que se pesquisa, como o canto Guarani pode expandir a sua pesquisa e a sua docência?

BLOCO 2: FILOSOFIA (OSSO QUE ESCUTA) – 2 AULAS

Instaurando a filosofia como modo de vida.

Aula 3:

- Lavando a palavra sujeito;
- Sobre o sujeito: diferenças e ressonâncias entre Edmund Husserl e Deleuze – sujeito transcendente/imanente;
- Os diferentes modos de existência.

Para ser apreciado em casa, antes da aula (realizem as atividades na íntegra e na sequência proposta):

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo; DANOWSKY, Débora.
Entrevista com Donna Haraway. Canal Youtube Os mil nomes de Gaia. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=1x0oxUHOIA8&t=32s>

Anote no Caderno de Processos (até 10 linhas): se no cthulhuceno “não há futuro”, apenas presenças em rede, como você concebe a frase: “pesquisar e ensinar é improvisar sem garantias, mas com um corpo radicalmente vivo”?

BLACK UNITY TRIO. ÁLBUM “AL-FATIHAAH”. Canal Youtube Avishv. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=u7zdZNiT4u0&list=PLcUlzqFfRkyKL58YfIfKTKVn8DZKHm5V5>

Anote no Caderno de Processos (até 10 linhas): todos os atores/sujeitos sonoros do jazz: humanos, não humanos, mais-que-humanos (músicos, instrumentos, ruídos de fundo, respirações, trastejares de instrumentos), utilizando uma cor para cada um desses sujeitos.

Aula 4:

- Lavando a palavra filosofia;
- Filosofia como modo de vida - como a filosofia pode resistir criativamente ao colapso das subjetividades singulares imposto pelas narrativas do hipercapitalismo;
- A pesquisa e o ensino como micropolíticas inventivas.

Para ser apreciado em casa, antes da aula (realizem as atividades na íntegra e na sequência proposta):

RAGO, Margareth. Foucault: a filosofia como modo de vida. Canal Youtube Café Filosófico CPFL. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jw6zuBloclI>

Anote no Caderno de Processos (até 10 linhas): quais relações entre vida como obra de arte e pesquisa/ensino como micropolíticas inventivas?

TRANCOSO, Déa. Álbum musical “Líricas breves para a construção de uma alma”. Disponível em: https://www.youtube.com/playlist?list=OLAK5uy_m-HG9S-0_VV0XuIDCKLTOyj0U_FOOXypw

Anote no Caderno de Processos (até 10 linhas): se Foucault via a filosofia como uma caixa de ferramentas, quais ferramentas esse álbum oferece? quando a canção diz “minha voz é um rio, lá meio do mar, silencia...”, estaria desessencializando o sujeito, assim como faz Foucault, e afirmando o que sujeito não é fixo, é fluxo?

BLOCO 3: MÉTODO (MÃO QUE RISCA) – 2 AULAS

Observar, agir, ler e escrever em meio à vida: modos artesanais, emancipatórios e incolonizáveis de pesquisar.

Aula 5:

- Lavando a palavra método;
- Cartografia, metodologia das sutilezas, filosofia da diferença, autobiografia.

Para ser apreciado em casa, antes da aula (realizem as atividades na íntegra e na sequência proposta):

MACIEL, Auterives. Aula: a Filosofia da diferença de Deleuze e suas interfaces com Spinoza, Nietzsche, Bergson, artes e literatura. Canal Youtube Nelson Job. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=9z6nLNZaAU8>

Anote no Caderno de Processos (até 10 linhas): a filosofia da diferença desafia a noção de método único de pesquisa, propondo fragmentação, silêncios, acaso, repetição – como é pesquisar/ensinar a partir de um rizoma?

O GRIVO. VER É UMA FÁBULA. Show ao vivo. Canal Youtube O Grivo. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=VSCoq8GtI64>

(OBS: Ouça esse show de olhos fechados).

Anote no Caderno de Processos (até 10 linhas): cores, cheiros, texturas e palavras que as sonoridades evocam em seu corpo.

Aula 6:

- Lavando a palavra cartografia;
- Cartografia: ressonâncias entre Kastrup e Rolnik: o pesquisador e o docente como cartógrafos que trabalham com o que está disponível no agora.

Para ser apreciado em casa, antes da aula (realizem as atividades na íntegra e na sequência proposta):

ROLNIK, Suley. Espaços de teko porã. Canal Youtube Ações e imaginações. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v= 0iDKO8I-f8>

Anote no Caderno de Processos (até 10 linhas): quais modos cartográficos você consegue “puxar” dessa fala de Rolnik que estão presentes na sua pesquisa, na sua docência e no seu modo de advogar a ciência?

JUÇARA MARÇAL. ÁLBUM MUSICAL “ENCARNADO”. Canal Youtube Juçara Marçal. Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v= KIN8meoKyc&list=R D KIN8meoKyc&start_radio=1

Anote no Caderno de Processos (até 10 linhas): quais são as cartografias do corpo que esse álbum propõe?

SOUZA, Elizeu Clementino de. Pesquisa (auto)biográfica. Canal Youtube TV UFMT. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=XmU11cqQ-u0>

Anote no Caderno de Processos (até 10 linhas): a autobiografia propõe mapas de (re)existências – quais são as (re)existências que a sua pesquisa, a sua docência e a abordagem das ciências que você advoga geram?

BLOCO 4: ARTE (CURA QUE ASSINA) – 2 AULAS

A terra como um território artístico (Exu Zambarado/Exu Calunga da Calunga Grande/Déa Trancoso): se a terra é um território artístico (e o verdadeiro sujeito para Emanuele Coccia), como podemos entrar em existência compartilhada com ela para perseverar a vida?

Aula 7:

- Lavando a palavra arte;
- Artistagens na pesquisa e na docência: corporalidades, corporeidades e oralidades;
- Lavando a palavra corpo;
- O corpo como episteme: corpo taru andé radicalmente vivo (Krenak/Déa Trancoso/Monja Lib).

Para ser apreciado em casa, antes da aula (realizem as atividades na íntegra e na sequência proposta):

ALMEIDA&DALE. Joseca Yanomami: Urihi mãriprai – sonhar a terra-floresta. Exposição. Disponível em:

<https://almeidaedale.com.br/exposicoes/urihi-maripra%c9%a8-sonhar-a-terra-floresta/>

LAMBARENA: BACH TO ÁFRICA. Álbum musical. Canal Youtube Isolino Miranda. Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=EyNTCyPFFJA&list=RDEyNTCyPFFJA&start_radio=1&t=18s

Aula 8:

- Lavando a palavra ancestralidade;
- Lavando a palavra devir;
- A arte como pacto com a ancestralidade na produção de devires para invenção de outros futuros possíveis: autobiografias artísticas descolonizadoras/contracoloniais (Jaider Esbell, Benjamin Abras, Lygia Clark, Lô Borges).

Para ser apreciado em casa, antes da aula (realizem as atividades na íntegra e na sequência proposta):

ALMEIDA&DALE. Jaider Esbell: Ruku. Exposição e vídeo. Disponível em:

<https://almeidaedale.com.br/exposicoes/apresentacao-ruku/>

(OBS: Clicar no link acima e, na página, clicar no vídeo).

FID BRASIL. Benjamin Abras: Mallu ex Mallo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TIEYrEzpTDM>

CLARK, Lygia. Corpo coletivo. Vídeo. Disponível em: <https://portal.lygiac Clark.org.br/acervo/61707/corpo-coletivo>

BORGES, LÔ. CLUBE DA ESQUINA 2. Canção. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=3PHx8QQnLyA&list=RD3PHx8QQnLyA&start_radio=1

BORGES, LÔ. NUVEM CIGANA. Canção. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=uuCYQ32filQ&list=RDUuCYQ32filQ&start_radio=1

BLOCO 5: MAGIA (PARADIGMA QUE REGENERA) – 2 AULAS

Alianças com não humanos na produção de conhecimento: floresta (folhas docentes, raízes como rede científica), rios (ancestralidade pré-cognitiva: um canto sem palavras, uma pré-literatura, uma pré-linguagem).

Aula 9:

-Lavando a palavra paradigma.

Para ser apreciado em casa, antes da aula (realizem as atividades na íntegra e na sequência proposta):

O LIVRO DAS ÁRVORES DOS TUCUNA. Disponível em:

<https://acervo.socioambiental.org/sites/default/files/documents/TCL00018.pdf>

MARLUI MIRANDA. IHU: TODOS OS SONS. Álbum musical.

Canal Youtube. Pimalves. Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=3dS2fUcHhgz&list=RD3dS2fUcHhgz&start_radio=1&t=80s

Aula 10:

-Lavando a palavra magia.

Para ser apreciado em casa, antes da aula (realizem as atividades na íntegra e na sequência proposta):

ARVO PÄRT. SPIEGEL IM SPIEGEL. Música Instrumental. Canal Youtube Playingmusiconmars. Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=TJ6Mzvh3XCc&list=RDTJ6Mzvh3XCc&start_radio=1

INSTITUTO PRINCIPIA. Ciência Fora da Caixa: podcast com Nelson Job. Disponível em:

<https://open.spotify.com/episode/172gmqstpAke2SbpJ4EsdS>

RESUMÃO 1

BREVE GRÁFICO LINEAR DO CONCEITO DE SUJEITO

Época	Referência	Conceito	Metáfora
Antiguidade	Exu, Ovídio	Metamorfose contínua	Transformista
Século 17	Descartes	Racional, universal	Cientista
Século 19	Marx	Determinado pela classe social	Operário/trabalhador
Século 19	Freud	Oscilante (consciente/inconsciente)	Dividido dualisticamente
Século 20	Wittgenstein	Construído pela linguagem	Joga com as palavras
Século 20	Michel Foucault	Produzido por discursos de poder	Prisioneiro, agenciável
Século 20	Michel Foucault	Produzido por relações entre verdade e cuidado de si	Parresia: o que fala e o que recebe a coragem da verdade (em risco)
Século 20	Deleuze&Guattari	Devir, multiplicidade, agenciamentos	Artista nômade, produtor de brechas
Século 20	Exu, Étienne Souriau	Modos de existência humanos, não humanos e mais-que-humanos (um corpo, a arte, um objeto, uma nota musical); modos de agir no mundo (Exu, por exemplo)	Esculpidor, instaurador de mundos
Século 21	Exu, Krenak, Kopenawa, Emanuele Coccia	Eu legião cosmológico; sonhador (que possui o sonho como produção de mundos); coletivo (floresta, plantas, vento, chuva)	Taru Andé Radicalmente Vivo que respira e trabalha para aumentar seu grau de amizade com a terra, que canta e dança para adiar o fim do mundo
Século 21	Gayatri Spivak	Subalterno	Feminista/(re)existente
Século 21	Achille Mbembe	Descolonizador	(Re)existente
Século 21	Exu, Nego Bispo, Luiz Rufino	Contracolonizador consciente de sua cabeça negra, de sua cabeça indígena, de sua cabeça mestiça, de sua cabeça de contraguerra	(Re)existente

NOTAS

1. Ovídio (Metamorfoses, 2017): sujeito sem forma fixa que se metamorfoseia: Dafne que vira árvore.
2. Étienne Souriau (Os Diferentes Modos de Existência, 2021): sujeito como modos de existir (arte, objetos, ficções – incluindo os chamados personagens conceituais dos pesquisadores e dos filósofos, por exemplo). Têm ou podem instaurar outros modos de existência: uma canção que *“batalha e até mesmo exige”* ser terminada pelo artista, um personagem conceitual que nasce do corpo pesquisador, no corpo pensador.
3. Exu/Déa Trancoso (Catimbó Zen: existências compartilhadas, 2024), Krenak (A vida não é útil, 2020), Kopenawa/Bruce Albert (O espírito da floresta, 2023), Coccia (A Vida das Plantas, 2018): sujeitos cosmológicos radicalmente vivos (humanos, não humanos e mais-que-humanos – pensamentos, plantas, atmosfera) compartilham a mesma respiração: **uma árvore é sujeito tanto quanto um cientista.**

GIRO NÃO LINEAR DO CONCEITO DE SUJEITO

Força filosófica	Referência	Conceito	Metáfora	Interceptação pelos macro poderes
Metamorfose ancestral	Ovídio (antiguidade que será reativada no século 21)	Corpo em mutação: sujeito é fluxo: divino/natureza	O rio nunca é o mesmo	Roma apaga a metamorfose coletiva, transformando-a em mito literário
Encruzilhada	Exu (Tradição Yorubá, Afrodiáspora brasileira, cosmologias indígenas e orientais)	Sujeito-relação: não existe “eu” fora do diálogo com o visível e o invisível	O mensageiro que ri da lógica	A colonização reduz Exu ao “demônio”, apagando sua função criativa e mediadora na produção de outros mundos possíveis
Respiração do mundo	Emanuele Coccia (século 21 relendo Ovídio, cosmologias originárias, afrodiáspóricas e orientais)	Fotossíntese como pensamento: o verdadeiro sujeito é a terra: trocas químicas, físicas, espirituais	A folha que escreve com a luz	A ciência moderna objetifica a natureza, negando suas subjetividades e diferenças. Essa atitude abre portas para o extermínio sistemático dessas subjetividades e diferenças pelo hipercapitalismo
Modos de existir	Étienne Souriau (século 20)	Tudo existe como artefato ontológico: canção, dissertação e tese <u>exigem</u> existência	O barro sonha	O hipercapitalismo transforma a natureza e modos de existir e de viver em mercadorias comercializáveis
Devir	Krenak, Kopenawa, Deleuze, Guattari, Foucault, Coccia (Ovídio, cosmologias originárias, afrodiáspóricas e orientais reativadas no pensamento sistematizado do século 21)	Sujeito-rio, sujeito-montanha: os humanos são só mais um fio da enorme teia, do imenso emaranhado	A pedra pensa	Hipercapitalismo e neoliberalismo impõem a separação entre humano e natureza

NOTAS

1. Leitura descolonizadora/desocidentalizada, onde Ovídio (com sua noção de metamorfose) não é apenas precursor poético, mas pensador de uma certa interdependência cósmica, antecipando Coccia, Krenak e até Exu como forças de desestabilização dos poderes majoritários. Ovídio não é passado: é contemporâneo de Coccia, Krenak e Kopenawa. Sua metamorfose é um projeto político contra a fixidez de Roma (assim como **Exu é um projeto político contra a colonização**).
2. Souriau é místico? Sim, mas sua ontologia ficcional denuncia como o poder intercepta existências e as reduzem a categorias.
3. E como se dá essa interceptação? **Cada salto de pensamento é sabotado pelo Colonialismo/Império/Capitalismo: roubam os conceitos e os esvaziam de sua potência de medicina (coletiva e comunitária) filosófica aplicável.**

BIBLIOGRAFIA PRINCIPAL – SALA DE AULA

Modo exercitado: leituras em voz alta, seguindo sugestão metodológica de Roland Barthes + roda de conversa.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. Tradução Júlia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

BARTHES, Roland. **Aula: aula inaugural da cadeira de semiologia literária do Colégio de França, pronunciada dia 7 de janeiro de 1977**. Tradução: Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 2013.

BARTHES, Roland. **O prazer o texto**. Tradução J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2015.

FOUCAULT, Michel. **A coragem da verdade: o governo de si e dos outros II**. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. São Paulo: Ática, 2014.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **O espírito da floresta: a luta pelo nosso futuro**. Tradução Rosa Freire D'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2023.

NASO, Publius Ovidius. **Metamorphoses**. Tradução Domingos Lucas Dias. São Paulo: Editora 34, 2017.

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das encruzilhadas**. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **Somos da terra**. In: Terra: antologia afro-indígena. Organizadores: Felipe Carnevalli, Fernanda Regaldo, Paula Lobato, Renata Marquez e Wellington Cançado. São Paulo/Belo Horizonte: UBU Editora/Piseagrama, 2023.

TAVARES, Gonçalo M. **Atlas do corpo e da imaginação**. Porto Alegre: Dublinense, 2021.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR SUGERIDA

Para exercitar o *pensamento alongado*: aquele que escapa das estruturas rígidas e binárias da tradição filosófica, abrindo-se a linhas de fuga, devires e multiplicidades; aquele que Exu chama de “esticar o cérebro até que rache e deixe passar o novo”.

BARTHES, Roland. **A morte do autor**. In: O rumor da língua. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BRASILEIRAS, leituras. **Conceição Evaristo: escrevivências**. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=QXopKuvxevY&t=49s>

DIAS, Jamile Pinheiro; BORBA, Maria; VANZOLINI, Marina; SZTUTMAN, Renato; SCHAVELZON, Salvador. **Uma ciência triste é aquela em que não se dança: conversações com Isabelle Stengers**. Revista Antropologia (USP). 2016.

EVARISTO, Conceição. **A Escrevivência e seus subtextos**. In: DUARTE, C. L.; NUNES, I. R., org. Escrevivências: a escrita de nós – reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

EVARISTO, Conceição. **Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita**. In: DUARTE, C. L.; NUNES, I. R., org. Escrevivências: a escrita de nós – reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

NOBRE, Antônio. **O planeta está enfermo: é preciso reajardiná-lo – Entrevista a Paulina Chamorro**. Revista National Geographic. 2025.

RUFINO, Luiz. **Epistemologia na encruzilhada: políticas do conhecimento por Exu**. Revista de Ciências Humanas e Linguagens: Universidade do Estado da Bahia, v. 2, n. 4, p. 19-30. Dez 2021.

RESUMÃO 2

LAVANDO A PALAVRA MÉTODO

Pelo latim e pelo grego é o “por meio de”.

O sânscrito/acádio diz da movimentação de algo que vai à frente e volta atrás, sugerindo uma movimentação de potências em múltiplas direções e escalas.

Karl Marx, em seus estudos inacabados sobre o assunto, advoga que método é o próprio sujeito de estudos e é por meio dele que os caminhos metodológicos são produzidos. Esse, também, é o pensamento de Giorgio Agamben. Ele advoga que, contrariamente à opinião comum, o método efetivamente partilha a impossibilidade de ser separado do contexto em que atua.

Não existe um método válido para qualquer âmbito.

Então, vejam só: as etimologias da palavra método juntam dois materialismos aparentemente divergentes no campo da filosofia. Mesmo que o materialismo de Marx veja o conceito como modo de intervenção histórica direta na realidade, na definição do que seja método, ele se aproxima do materialismo francamente especulativo, praticado atualmente por Donna Haraway e Isabelle Stengers, por exemplo.

Por mais que os marxistas ortodoxos não gostem do exercício especulativo, definir o método como o próprio sujeito de estudos é uma liberdade que, no mínimo, redefine termos e modos de produção do que seja objetividade científica.

Haraway e Stengers seguem pelo meio exercitando livrar a produção científica da mancha meramente objetiva que aborda o mundo pelo desencantamento e elimina as turbulências complexas e ruidosas que são paradigmas desse mesmo mundo.

Ouvi de meu professor Paraná, no mestrado em Estudos Rurais, pela UFJM, que **“Método é filosofia”**. Ao dizer que “método é filosofia”, ele está destacando que as metodologias de pesquisa não são ferramentas técnicas neutras, mas carregam consigo pressupostos filosóficos sobre a natureza do conhecimento, da realidade e do sujeito que investiga e é investigado.

O método, então, reflete uma postura epistemológica (como conhecemos) e ontológica (o que existe para ser conhecido).

Exu diz que a objetividade científica cartesiana [simplista e reducionista] definitivamente não toca, nem de raspão, naquilo que a gente consegue extrair da observação do que chamamos de realidade.

Desse modo, método está mais para um **flow heraclitano do que para um cogito de descartes.**

DESTRINCHANDO

Método como modo de pensar: na tradição filosófica, o método não é só um protocolo, mas um modo de apresentar corpo, experiência e razão. O método cartesiano, por exemplo, que divide os problemas em partes, reflete uma visão racionalista e mecanicista da realidade.

Método e ontologia: o método escolhido revela o que se considera como real ou como decidimos recortar a realidade. Um método positivista/cartesiano costuma tratar a realidade como objetiva, mensurável e produtora de resultados factíveis. Já um método cartográfico parte da experiência subjetiva como uma fonte de verdade credibilizada entre muitas, acolhendo os paradoxos.

Método como posicionamento ético-político: métodos participativos (como a pesquisa-criação e a pesquisa-pensamento-arte por exemplo) assumem que conhecer é também transformar, refletindo uma postura crítica.

**Como
isso
se
aplica
à
pesquisa
cartográfica?**

A CARTOGRAFIA (NA LINHA DE DELEUZE, GUATTARI E PESQUISADORES COMO SUELY ROLNIK E VIRGÍNIA KASTRUP) É UM MÉTODO QUE:

Rejeita representações fixas: ao invés de mapear um território como algo estável (como na geografia clássica), a cartografia acompanha processos em devir, captando movimentos, afetos e linhas de fuga. Filosofia: inspiração no empirismo radical (William James, por exemplo – ver livro de David Lapoujade) e no pensamento rizomático de Deleuze e Guattari, onde a realidade é fluxo, não substância.

Trabalha com a imanência: o pesquisador não está fora do campo, mas irremediavelmente mergulhado nele – afetando e sendo afetado. Filosofia: crítica (herança de Spinoza e Nietzsche) à separação sujeito-objeto.

Valoriza o processo sobre o produto: a cartografia é intensidade inventiva: o mapa surge durante a pesquisa, não como um plano prévio. Filosofia: a noção de “construção do problema” (Bergson), onde o método não testa hipóteses, mas cria novas perguntas.

**Como
usar
esses
pensamentos
na
prática
cartográfica?**

Abandonar a ideia de neutralidade: reconhecer que o método já é uma intervenção no campo. O diário de campo não registra e, sim, produz afetos que afetarão a escrita.

Trabalhar com fundamentos: use conceitos como lentes que abrem/ampliam possibilidades, nunca como categorias fixas.

Atenção aos micropoderes: a cartografia é interessante não apenas em pesquisas artísticas, mas, também, em pesquisas de educação, saúde ou movimentos sociais porque revela como o poder atua em detalhes. Um gesto mínimo, numa pesquisa, pode reforçar ou subverter hierarquias.

Documentar os imprevistos: se o “método é filosofia”, os desvios do plano original são dados importantes, não erros.

Se você estuda um protesto político, em vez de aplicar questionários padronizados (método positivista), a cartografia levaria você a andar com os manifestantes, registrar cantos, pausas, mudanças de rota, notar como seu próprio corpo reage (medo, adrenalina) como parte dos dados, mapear como o protesto se reorganiza quando a polícia aparece (linhas de fuga). Nesse caso, o método já é uma filosofia política: ele assume que o conhecimento se dá no meio do caos, não à distância.

RESSONÂNCIAS ENTRE KASTRUP E ROLNIK: O
PESQUISADOR-CARTÓGRAFO À PROCURA DA “PULGA”
DEBAIXO DA FOLHA

***“O que importa é a pulga escondida debaixo
da folha ao lado da árvore que está quase
sempre fora do campo de percepção e visão
do caminhador da estrada”.***
(Manoel de Barros)

A cartografia como um método de pensamento-arte e de pesquisa-criação que busca capturar o imperceptível (a “pulga”), desenvolvendo um ethos de confiança, atenção e entrega (presença) para aumentar a potência de agir de si sobre si e sobre o mundo.

A cartografia, mais do que mapear árvores e estradas, é a arte de encontrar “pulgas” escondidas. Encontrar a “pulga” (o afeto novo, a pergunta inédita, a linha de fuga) aumenta a potência de agir, produzindo um conhecimento que inventa novos caminhos ou transforma a própria estrada.

A “pulga” é um dispositivo mnemônico e conceitual extremamente poderoso para absorver o “espírito” da pesquisa.

E o que é “a pulga debaixo da folha”?

Algo que geralmente passa despercebido, mas que, uma vez notado, pode transformar tudo ao redor.

LAVANDO A PALAVRA CARTOGRAFIA (COM A PULGA EM MENTE)

Etimologias antigas (egípcio, acádio): o foco em mapear a “árvore” (o território visível, administrável); o mapa do poder.

Etimologia grega (*chartés + graphein*): a superfície de inscrição (a folha) e a ação de traçar (o ato de levantar a folha).

A Virada filosófica:

Foucault/Exu: cartografias do poder: começa a se interessar pelas “pulgas” como dispositivos de poder escondidos na “árvore”.

Deleuze/Guattari/Rolnik/Kastrup/Exu: a cartografia questiona que há algo entre a “pulga” e a “árvore” (as folhas?), se interessa abertamente pela “pulga” – não pelo que é visível e estratificado (a árvore na estrada, a folha ao lado da árvore), mas pelas forças invisíveis, os afetos, as linhas de fuga, os devires (a vibração minúscula e potente debaixo da folha); **propõe um mapa minoritário do processo.**

Rolnik/Exu: o cartógrafo é aquele que baixa a altitude do voo, que se aproxima do chão, que se faz disponível para perceber essa vida micro; sua ferramenta é a percepção em estado de disponibilidade justamente para capturar essas “pulgas” que pulsam no agora da pesquisa.

Kastrup/Exu (o ethos da Confiança e da Atenção): a pergunta central é: que disposição é necessária para encontrar a “pulga”?

Atenção: é uma atividade de sonda, não uma atenção geral do caminhador da estrada (foco na meta, no destino); é uma atenção periférica, tátil, rasteira; é a atenção que fareja, esquadrinha os cantos, se demora no insignificante; suspende a urgência mecânica de olhar só para a árvore.

Confiança: é acreditar na possibilidade de existência de “pulgas”; é a disposição ética de que o mundo (a sala de aula, o sujeito da pesquisa, a vida) está cheio de “pulgas”: pulsões, saberes e forças invisíveis e potentes; é confiar que, ao se colocar disponível, a “pulga” vai se mostrar; é o oposto do pesquisador que já sabe que só existe “árvore”.

A terceira pista: o que seria uma companhia natural para a confiança e a atenção?

Kastrup nos fala de confiança e atenção como pistas. Mas será que, no auge de um processo criativo ou de uma pesquisa vibrante de um *corpo taru andé radicalmente vivo* (Trancoso/Krenak), ainda faz sentido separá-las? Ou será que a experiência mais plena é quando agir com atenção é um ato de confiança e confiar é o modo mais atento de agir/estar no mundo?

Exu sugere o conceito de **Entrega**. A terceira pista seria, então, uma *educação da atenção* para um **Estado de Presença Confiante e Atenta**, onde a dualidade se dissolve. **É o estado de fluxo (flow), onde o cartógrafo não produz e nem aplica um método, mas É o próprio método.**

Ser o método é, então, quando não estar obstruído por preconceitos, medo de errar ou vontade de controlar.

Quando um pesquisador aberto vai a campo, ele não pensa “agora vou usar a confiança, agora a atenção”. Ele simplesmente sabe onde procurar. Ele captou uma intuição, desenvolveu um tato, um faro, uma escuta profunda. A terceira pista é justamente essa síntese: o faro cartográfico ou a percepção tátil: é a qualidade de quem confia no seu próprio corpo para saber qual folha virar; é quando a confiança e a atenção se tornam uma terceira natureza, **uma entrega, uma presença.**

Kastrup pede atenção nômade e confiança no processo. Rolnik, percepção em disponibilidade, corpo como instrumento, campo de forças. Exu pede entrega (intuição, faro, tato, escuta profunda). Todos convocam uma presença capaz de sair da estrada, virar folhas e achar “pulgas”.

Que “pulgas” (sensações imperceptíveis, incômodos vagos, alegrias sutis) se escondem em sua pesquisa? Quais “folhas” você precisa virar para enxergar as “pulgas”? Você ouve apenas as “árvores” (os fatos, as histórias) ou tenta capturar as “pulgas” que estão debaixo delas (um tom de voz, uma palavra que se repete, um silêncio significativo, um brilho no olho, uma memória que insiste)?

A cartografia nos convida a ser caçadores de “pulgas”.

Pesquisadores/docentes que não se contentam em andar na estrada e apontar as árvores, apostando que é debaixo da folha (e não no topo da árvore) que se encontram as pistas mais revolucionárias para a invenção de si e do mundo.

A cartografia é um método de valorizar o minoritário, o invisível, o que está à beira do caminho.

SOBRE A ARTE, A FILOSOFIA E A CIÊNCIA

“Mas ciência, filosofia e arte exigem mais: crivam o caos. O cientista, o filósofo e o artista voltam da terra dos mortos. O artista passa por uma catástrofe e impinge no tempo-espço os vestígios dessa passagem. **A arte não desfruta de tranquilas certezas. A arte salta de pés juntos sobre o abismo.** A arte, na sua luta contra o caos, produz afinidades com o inimigo porque seu acontecimento não se dá sobre nenhuma tela, cabeça ou papel em branco. Há sempre uma turbulência inominável lhe aguardando”.

(Deleuze&Guattari, em O que é a filosofia?, 1992)

SOBRE OS MODOS DE EXISTÊNCIA

"É preciso abrir respiradouros para outros mundos: todo um conjunto de determinações do ser-estar: atemporais, não espaciais, estranhas, virtuais ou atuais, nas quais a existência só se deixa capturar em experiências fugazes, transitórias, quase indizíveis - ou que demandam à inteligência um esforço terrível para apreender aquilo que ela ainda não sabe do que se trata. Apenas um pensamento mais amplo pode abarcá-la". **A possibilidade funda a existência.**

(Étienne Souriau, em Diferentes modos de existência, 2021)

BIBLIOGRAFIA PRINCIPAL – SALA DE AULA (resumão 2 e 3)

Modo exercitado: leituras em voz alta, seguindo sugestão metodológica de Roland Barthes + roda de conversa.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é filosofia?** São Paulo: Editora 34, 1992.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs 4.** São Paulo: Editora 34, 1997.

KASTRUP, Virgínia; PASSOS, Eduardo; ESCÓSSIA, Liliana da (Organizadores). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade.** Porto Alegre: Editora Sulina, 2017.

KASTRUP, Virgínia; PASSOS, Eduardo; TEDESCO, Silvia (Organizadores). **Pistas do método da cartografia: a experiência da pesquisa e o plano comum.** Porto Alegre: Editora Sulina, 2025.

ROLNIK, Suely. **Esferas de insurreição: notas para uma vida não-cafetinada.** São Paulo: N-1, 2018.

SOURIAU, Étienne. **Diferentes modos de existência.** São Paulo: N-1, 2020.

TRANCOSO, Déa. **Catimbó Zen: Existências Compartilhadas – uma filha da folha e os Exus Zambarado e Calunga da Calunga Grande em arte, clínica, educação, alegria e cura.** Tese. (Doutorado em Educação), Faculdade de Educação, Unicamp, Campinas, 2024. Disponível em:

<https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/1411853>

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR SUGERIDA

Para exercitar o *pensamento alongado*: aquele que escapa das estruturas rígidas e binárias da tradição filosófica, abrindo-se a linhas de fuga, devires e multiplicidades; aquele que Exu chama de “esticar o cérebro até que rache e deixe passar o novo”.

BARRONCAS, Caroline; COSTA, Mônica de Oliveira, AIKAWA, Mônica Silva. **Retrato da autobiografia enquanto coisa.**

Revista ClimaCom, no. 24, junho, 2023. Disponível em:

<https://climacom.mudancasclimaticas.net.br/retrato/>

DELUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs 1.** São Paulo: Editora 34, 1995.

DELEUZE, Gilles. **Dois regimes de loucos: textos e entrevistas preparados por David Lapoujade.** São Paulo: Editora 34, 2021.

GALLO, Silvio. **Metodologia do ensino de filosofia: uma didática para o ensino médio.** Campinas: Papirus Editora, 2013.

LAPOUJADE, David. **Willian James, a construção da experiência.** São Paulo: N-1, 2017.

LEÃO, Cláudia; REMÉDIOS, Maria dos (Organizadoras).

Estalos, incidentes e acontecimentos como procedimento e método da pesquisa em artes. Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências e Artes, Livro Aberto, 2020.

Disponível em:

<https://livroaberto.ufpa.br/items/964c2007-2235-453d-882d-3fb36f07f8ad>

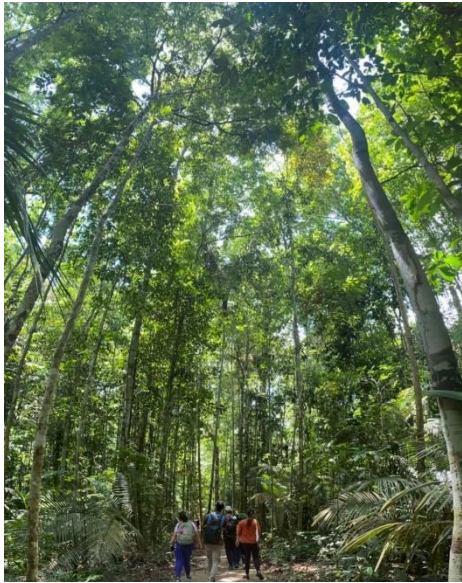
MBEMBE, Achille. **Democracia como comunidade de vida.** São Paulo: N-1, 2025.

SPINOZA, Baruch. **Ética.** Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

AULA DE CAMPO NO MUSEU DA AMAZÔNIA lavando a palavra magia – alianças com a floresta

40





AULA DE CAMPO NO RIO NEGRO

lavando a palavra magia – alianças com o rio

42







Um corpo, por Vitor de Lima Gonçalves:
desenho sobre papel machê
(confeccionado por Eriane da Silva Lima),
com caneta esferográfica azul e lápis preto,
e digitalizado por Déa Trancoso com filtros
diversos do Adobe Photoshop Express.

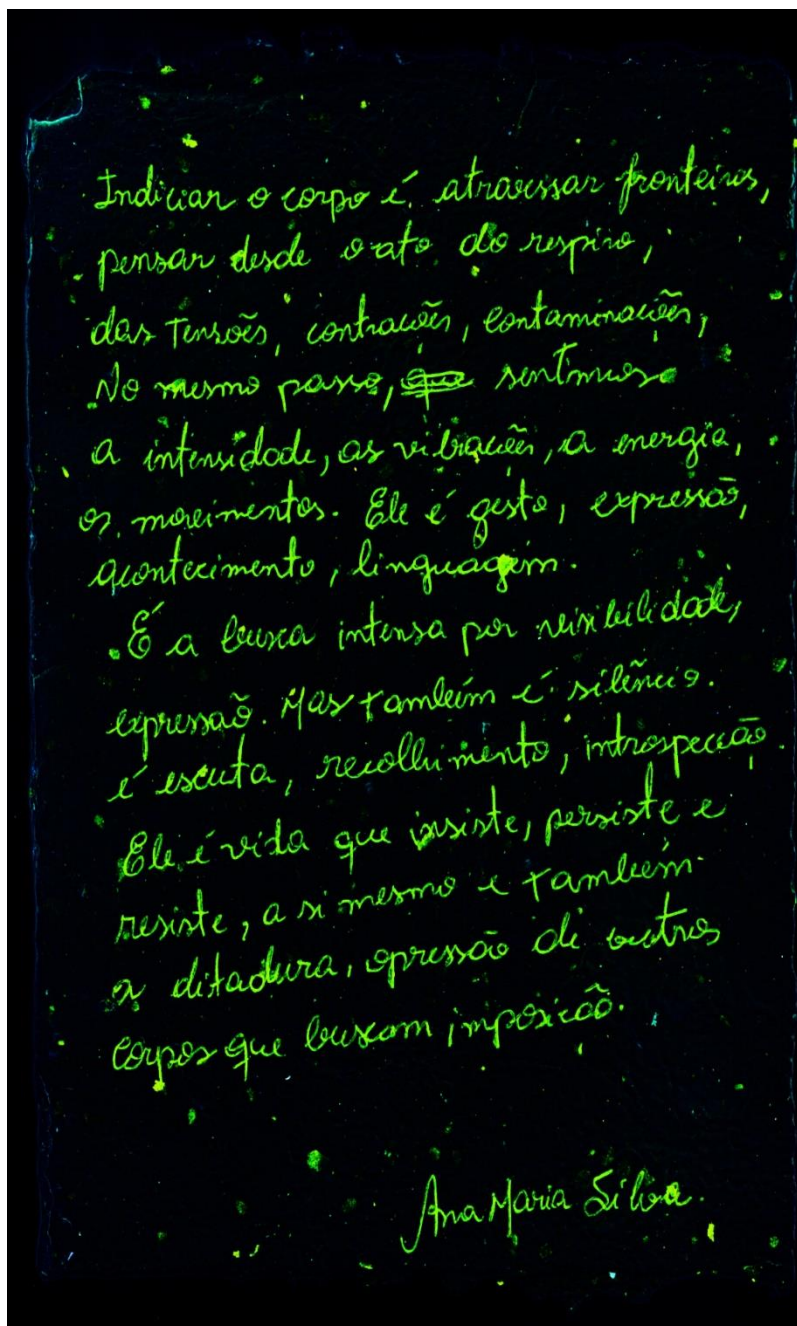
ALGUNS INDÍCIOS SOBRE O CORPO

Indiciar o corpo é
atravessar fronteiras.
Pensar – desde o ato do
respiro, das tensões,
contrações, contaminações
– no mesmo passo que
sentimos a intensidade, as
vibrações, a energia, os
movimentos. Ele é gesto,
expressão, acontecimento,

linguagem.

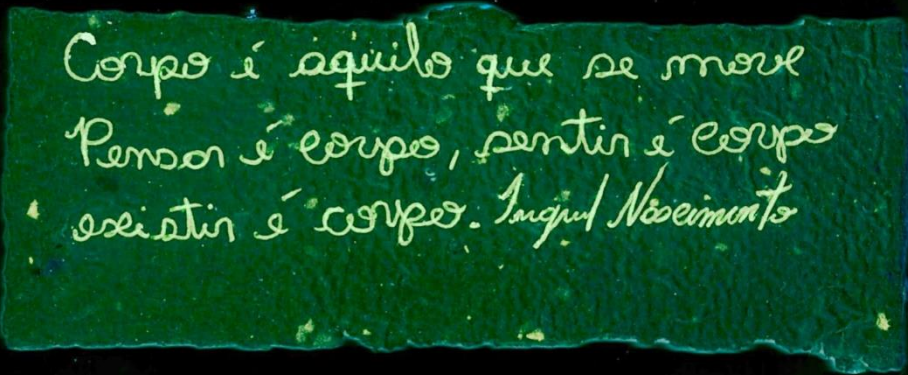
É a busca intensa por
visibilidade, mas
também é silêncio,
escuta, recolhimento,
introspecção. Ele é vida

que **insiste,**
persiste e
resiste:



a si mesmo, à ditadura, à opressão
de outros corpos.

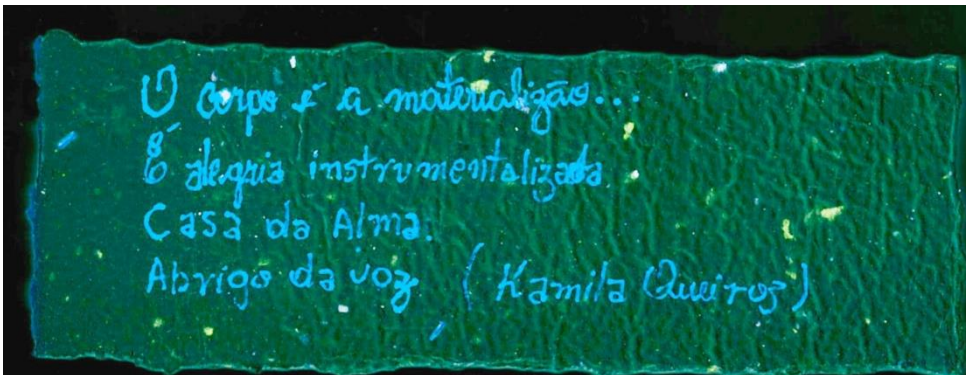
ANA MARIA XAVIER DA SILVA NETA



Corpo é aquilo que se move
Pensar é corpo, sentir é corpo
existir é corpo. Ingrid Nascimento

Corpo é aquilo que se move. Pensar é corpo,
sentir é corpo, **existir é corpo.**

INGRID DO NASCIMENTO BARROS



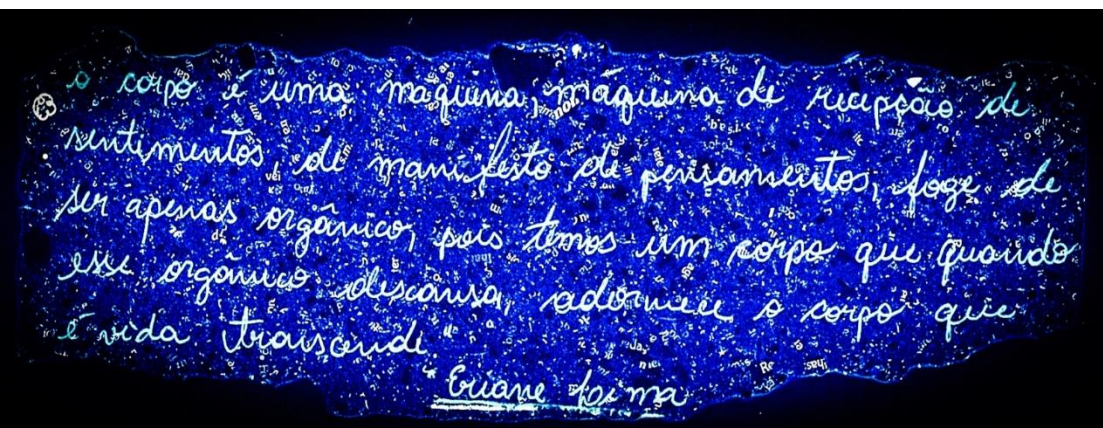
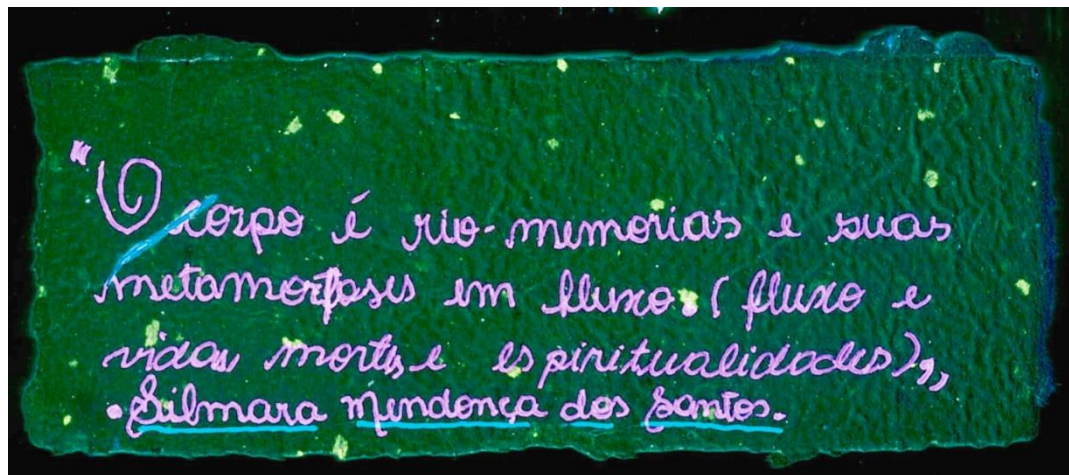
O corpo é a materialização...
É alegria instrumentalizada.
Casa da Alma.
Abrigo da voz. (Kamila Queiroz)

O corpo é a materialização...
É alegria instrumentalizada.
Casa da alma.

Abrigo da voz.

KAMILA QUEIRÓZ GUIMARÃES

O corpo é rio de memórias e suas metamorfoses em **fluxo** (fluxo e vida, mortes e espiritualidades).
SILMARA MENDONÇA DOS SANTOS



O corpo é uma máquina.

Máquina de recepção de sentimentos, de manifesto de pensamentos. Foge de ser apenas orgânico, pois temos um corpo que, quando esse orgânico descansa, adormece – o corpo, que é vida, transcende.

ERIANE DA SILVA LIMA

Minhas mãos são Condutores da Vida
Meus pés dançam nas estações da Natureza
Meu tronco cai nas águas do rio do Amor
Minha cabeça é levada pelo Vento da Substância
Substância que revela meu Corpo
Corpo miúdo, corpo pequeno, corpo Floresta
Corpo comunidade, corpo homem, corpo Mulher
Sagrado sangue que revela a arte
Inferno pensamento que mistura tudo na
Criação da Vida e do Sentir

Vitor Lima

Minhas mãos são condutores da vida. Meus pés dançam nas estações da natureza. Meu tronco cai nas águas do rio-amor. Minha cabeça é levada pelo vento da substância. Substância que revela meu corpo.

Corpo miúdo, corpo pequeno, **corpo**

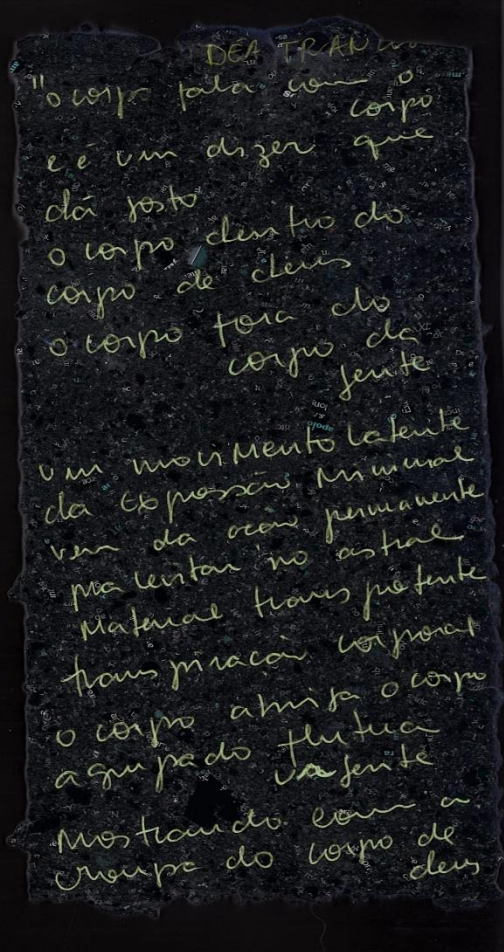
floresta, corpo comunidade, corpo homem, corpo mulher. Sagrado sangue da arte. Enfermo pensamento: mistura tudo na criação da vida e sente.

VITOR DE LIMA GONÇALVES

Corpamente pensa em movimento. Existe ao acontecer e estar. Ocupações. Ao alongar-se se constitui nova-mente. Querenças em composições. Ao nascer, vive sem destrezas, mas com sabedorias de firmezas: vidas que, ao crescer, se esquecem dos ossos que as organizam. **És orgânico!** Compõem-se enquanto húmus – VIDAMORTEVIDA.
CAROLINE BARRONCAS DE OLIVEIRA

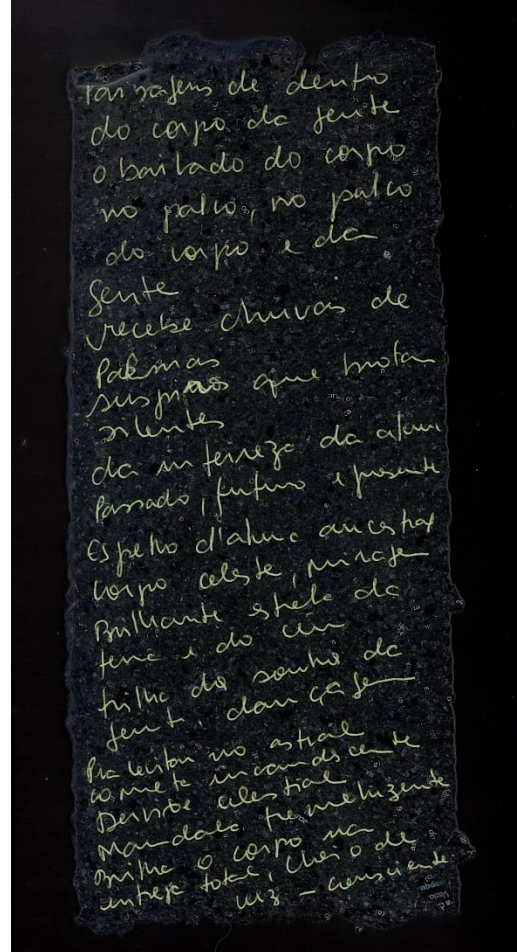
corpamente, pensa em movimento. Existe
ao acontecer e estar. Ocupações. Ao alongar-se
se constitui nova-mente. Querenças em
composições. Ao nascer vive sem destrezas,
mas com sabedorias de firmeza. Vidas
que ao crescer, esquece os ossos que as
organizam. És orgânico! Compõem-se
enquanto húmus - VIDA|MORTE|VIDA.

- Caroline Barroncas -



*O corpo fala
com o corpo
e é um dizer
que dá gosto...*

*O corpo
dentro do
corpo de Deus,
o corpo fora
do corpo da
gente.*



*O movimento latente da expressão minimal
vem da ação permanente pra levitar no astral:
material transpotente, transpiração corporal.*

*O corpo abriga o corpo, agrupado flutua urgente,
mostrando com a roupa do corpo de Deus,
paisagens de dentro do corpo da gente.*

*O bailado do corpo no palco, no palco do corpo e da gente,
recebe chuva de palmas, suspiros que brotam silentes
da inteireza da alma: passado, futuro e presente.*

*Pra levitar no astral, cometa incandescente,
dervixe celestial, mandala tremeluzente, **brilha o corpo na
entrega, na entrega, na entrega total, cheio
de luz, consciente.***

Um corpo que sente arrepios, frios na barriga, alegria, medo e mostra os sinais do estresse, do calor, do frio. Um corpo com marcas da infância; adora adrenalina. Um corpo em contato com a natureza, sentindo o cheiro de mata molhada: sente as águas passando, curando, renovando. Um corpo que faz barulho quando movimenta os joelhos, os braços e a respiração.

Um corpo que sente arrepios, frios na barriga, alegria, medo, que mostra os sinais do estresse, do calor, do frio.

Um corpo com marcas da infância, que adora adrenalina e estar em contato com a natureza, sentindo o cheiro de mata molhada, sentindo as águas passando, curando, renovando.

Um corpo que faz barulho quando se movimenta, os joelhos, braços, a respiração.

Um corpo que se emociona rápido e que ama dar gargalhadas. Um corpo que quer colo, dar colo e é abrigo.

Um corpo que escreve, canta, aquece, espirra, sente dores por fora e por dentro.

Um corpo que é filha, mãe, mulher, professora, pesquisadora, aventureira, sonhadora...

Nathália Moreira Nunes 19.08.2025.

Um corpo que se emociona rápido e que ama dar gargalhadas. Um corpo que quer colo, dar colo e é abrigo. **Um corpo que escreve, canta, aquece, espirra, sente dores por fora e por dentro.** Um corpo que é filha, mãe, mulher, professora, pesquisadora, aventureira, sonhadora...

NATHÁLIA MOREIRA NUNES

Corpo é ancestralidade! Carrega em si dimensões que podem ou não ser lidas, mas que em cada traço, ou curvas produzem significados!

Nele, estão impressas marcas de ontem, de hoje e de vir, que embora único, é também coletivo.

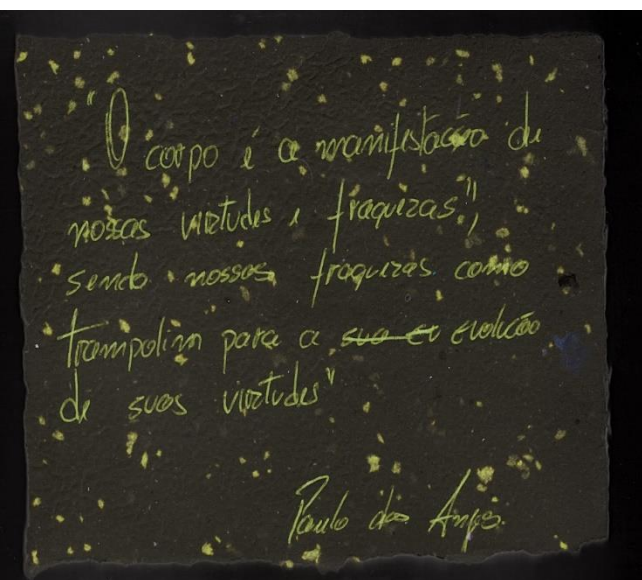
Jucy

Corpo é

ancestralidade!

Carrega em si dimensões que podem ou não serem lidas, mas que, em cada traço ou curva, produzem significados. Nele, estão impressas marcas de ontem, hoje e de vir: embora essas marcas sejam únicas são também coletivas.

JUCINEI DE SOUZA PEREIRA



O corpo é a manifestação de virtudes e fraquezas.

As fraquezas são como

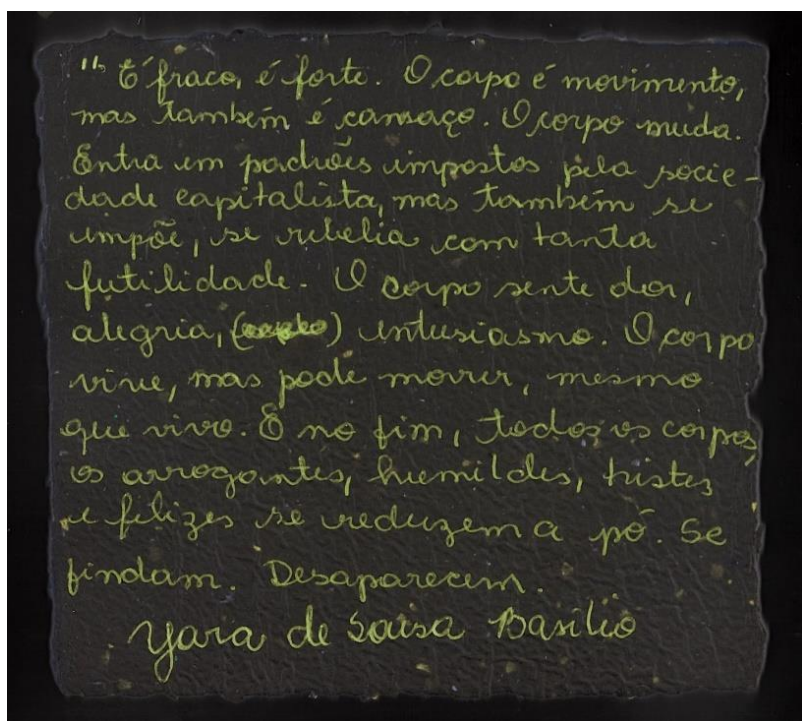
um **trampolim** para a evolução das virtudes.

PAULO ROBERTO SILVA DOS ANJOS

É fraco, é forte.

O corpo é movimento e cansaço. O corpo muda.

Entra em padrões impostos pela sociedade capitalista, mas também se impõe e se rebela com tanta futilidade. O corpo sente dor, alegria, entusiasmo.



O corpo vive, mas pode morrer, mesmo que vivo. E, no fim, todos os corpos, os arrogantes, humildes,

tristes e felizes se reduzem a pó e se findam – desaparecem.

YARA DE SOUSA BASÍLIO

Corpo é vida ou o que nos dá a vida? Corpo
sem vida é cadáver. Corpo sem vida é dor, ou
com vida? Vida é oportunidade. Dor é
bênção??? Corpo? Sim, bênção de viver em
um cadáver, em um corpo que me traduz
timidamente. Corpo é mistério, magia,
potência. **Corpo é tradutor.**

MARIA JUCILÉIA DA SILVA LIMA

Indícios...

Corpo é vida ou o que nos dá a vida?
Corpo sem vida é cadáver
Corpo sem vida é dor, ou com vida?
Vida é oportunidade
Dor é bênção???
Corpo? Sim, bênção de viver em um cadáver
Em um corpo, que me traduz timidamente
Corpo é mistério, magia, potência
Corpo é tradutor.

Josia Lima

"Corpo é movimento. É a expressão
da ALMA que fala de forma genuína
o que se sente, o que se vê e o que
se ouve. É o ser e o agir no mundo
é tornar visível, o que é visível."

Lúcia Santos

Corpo é movimento. É a expressão da alma que fala de
forma genuína o que sente, o que vê e o que ouve. **É**

o ser e o agir no

mundo. É tornar visível o que é visível.

LÚCIA CRISTINA CORTEZ DE BARROS SANTOS

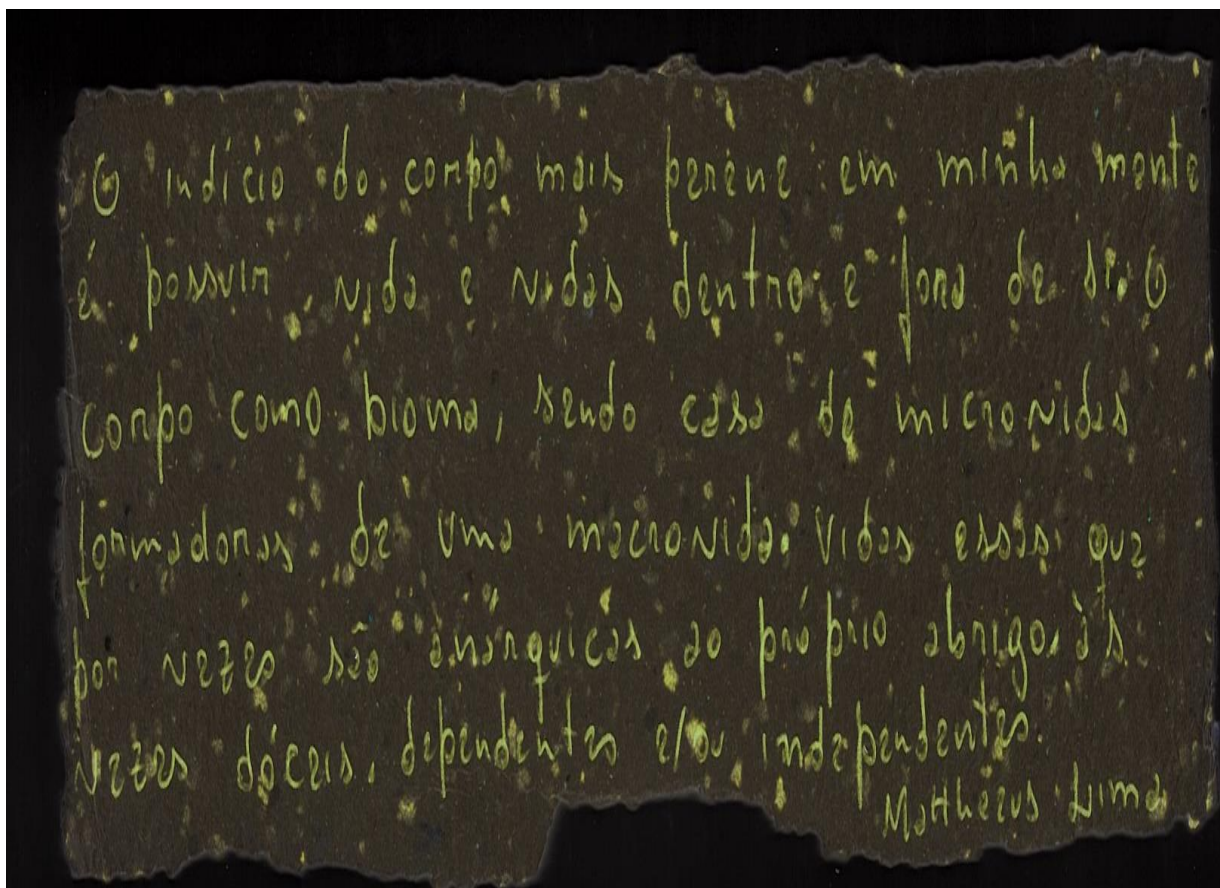
O indício do corpo mais perene em minha mente é possuir vida e vidas dentro e fora de

*si. **O corpo como bioma,***

***sendo casa** de microvidas*

formadoras de uma macrovida. Vidas que, por vezes, são anárquicas ao próprio abrigo.

MATTHAEUS ANDERSON LIMA DE JESUS



"O corpo é campo de atravessamento, é história em movimento. Nele estão as marcas mais diversas e curiosas. São cicatrizes de brincadeiras que remetem a felicidade da infância. Mas também há rugas de um tempo em que as responsabilidades impostas sobre o corpo são pesadas. O corpo expressa o caminho que a mente o fez caminhar. Desde pensamentos primários que poderiam ter sido, outrora, negados, mas o corpo lembra a rebeldia que, um dia, se fez presente. Assim, o corpo é o movimento do tempo, e a relação do meu existir com o mundo."

Addryan Ryan Torres Cruz

O corpo é um campo de atravessamentos. Nele, as marcas mais diversas e curiosas são cicatrizes de brincadeiras que nos remetem à felicidade da infância. Mas há rugas de um tempo em que as responsabilidades são pesadas. O corpo expressa o caminho que a mente determinou a ele. Desde pensamentos primários, que poderiam, outrora, ter sido negados, a rebeldias que, um dia, se fizeram presentes. Assim, o corpo é o movimento do tempo e a relação do meu existir com o mundo.

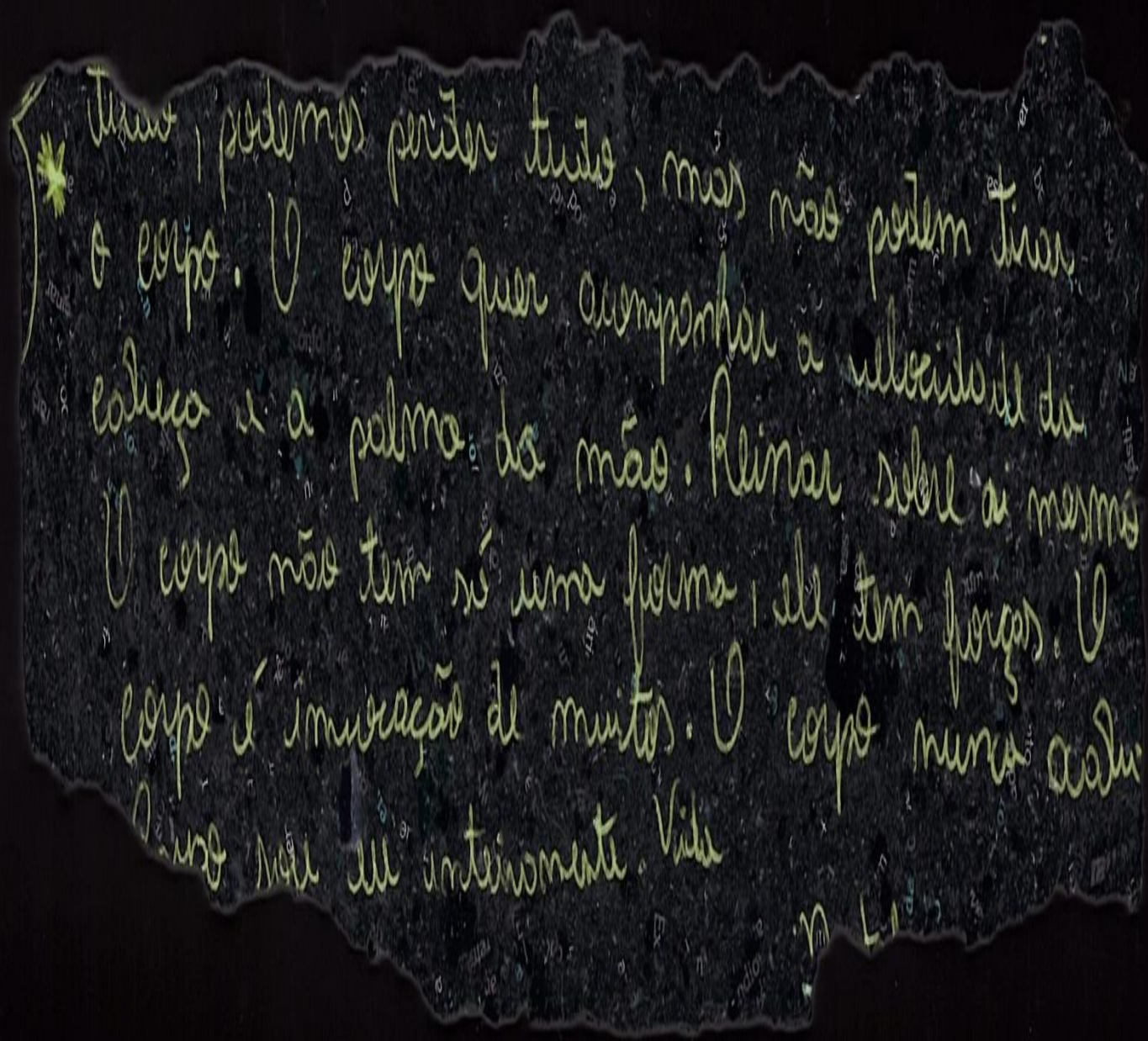
ADDRYAN RYAN TORRES CRUZ

Tudo... Podemos perder tudo, mas não podem nos tirar o corpo. O corpo quer acompanhar a velocidade da cabeça e da palma da mão. Reinar sobre si mesmo. O corpo não tem

*só uma forma; ele tem forças. **Corpo é***

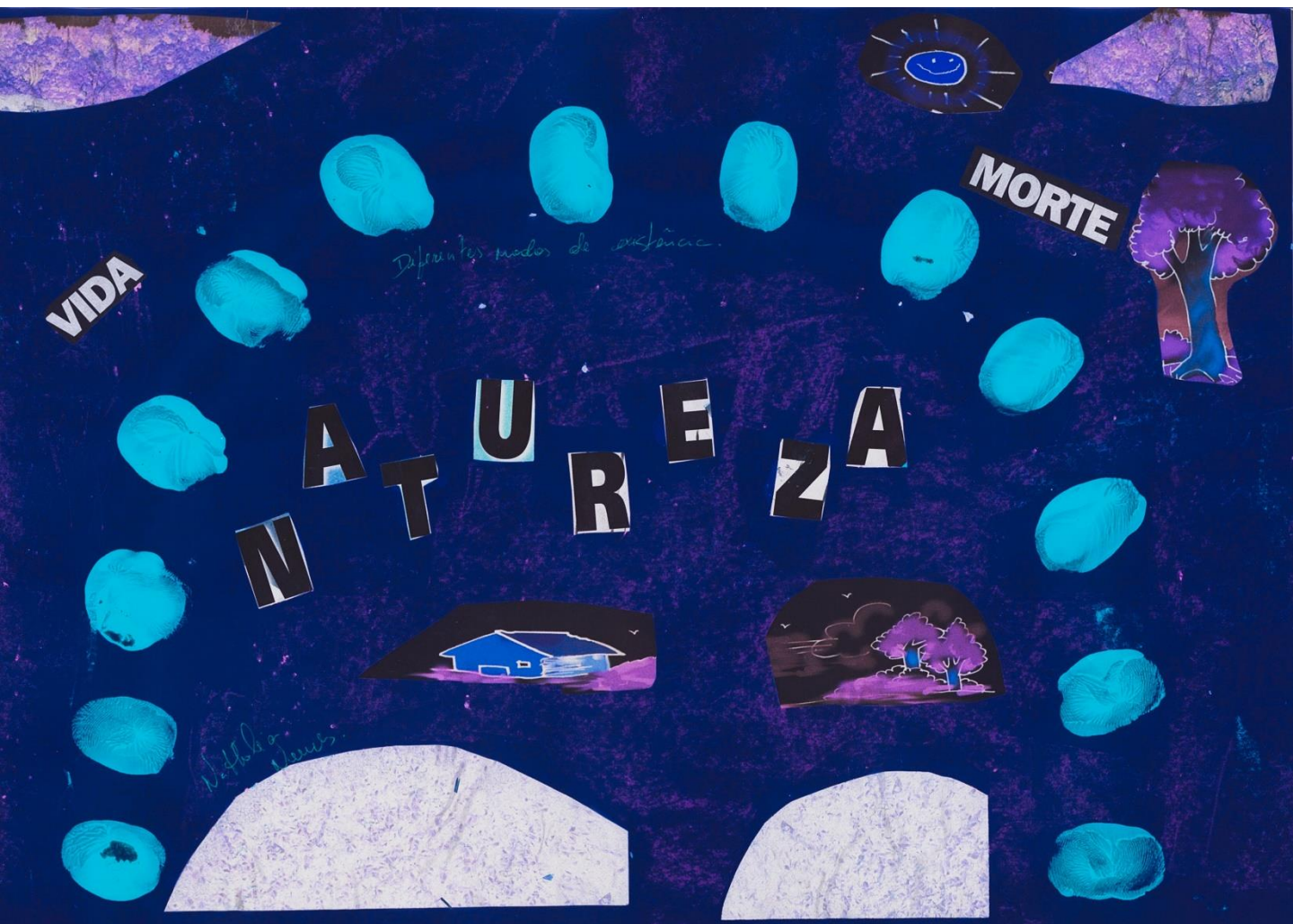
***muitos.** Corpo nunca acaba. Corpo sou eu inteiramente. Vida.*

NATÁLIA FRANCISCA PEREIRA FRANCO



ENCRUZILHADAS DE EXU: BRICOLANDO BRECHAS





O CORAÇÃO
PULSA

São

dança

Histórias

A árvore

música

- A Viagem

Educação em Prosa

O Voo

PAIS
SOLTOS
NO VENTO

Letras e Sons

CAMINHAM

DANÇAM TRANSUTAM



Lucia Lima

Kastrop
Atenção

Sensação
gostosa

Capricó...rio
22/12 a 20/1

Inove

Não fugir das tensões

Problema

Praticando o
coletivo

que destaca
do colonialismo refração

Plantacões

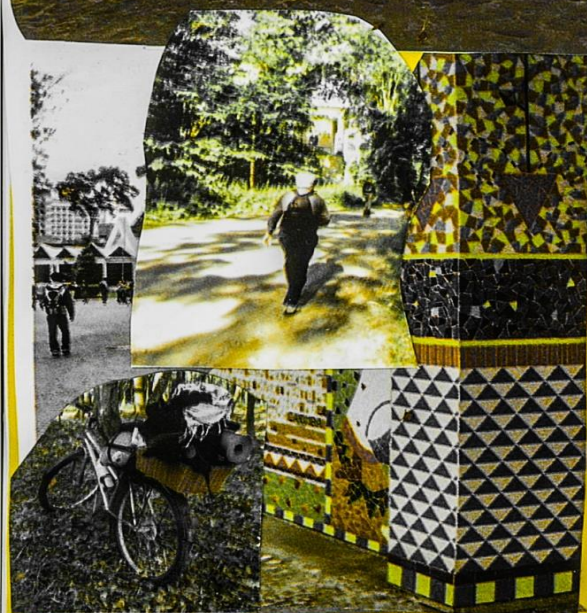
Ecofeminismos

Devin

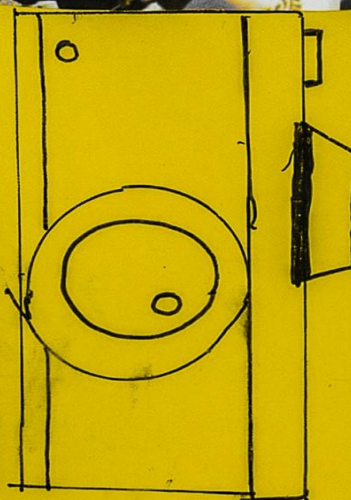
Lucia Lima

Um currículo vivo em educação
em ciências

Cósmicos Bruxólicos
"navegar é preciso"



"Extensio universitarius",



Kamila Queiroz

P A M

ZÉ DA FEIRA PÕE FOGO NA FAVELA

REMAR



C R A O

AMOR PERDIDO GO

"BANDO TRANSFORMAVA EM PESADELO O SONHO

Beleza Pura



ATRAVESSA PAREDES



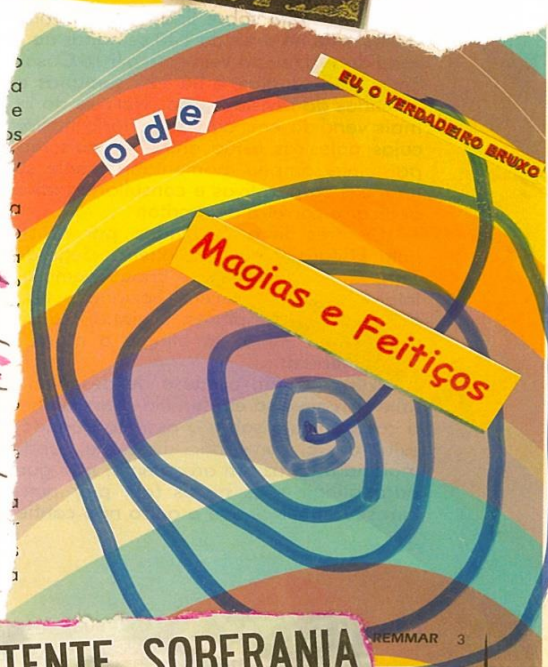
UNIVERSAL

Escolha bem as palavras quando for conversar com a pessoa amada. Assim, evitará o autoritarismo ao expor seus pontos de vista. Você terá uma fase positiva para os estudos e o desenvolvimento mental. Saia com os amigos e divirta-se.



Reestruturação

*Imaginal / Movimento
Mentis / Pensamento*



Magias e Feitiços

EU, O VERDADEIRO BRUXO

A VERTENTE SOBERANIA

LINKS PARA PERFORMANCES DESCOLONIZADORAS

1. Banho de Folhas, por Fanuela Vasconcelos + registros fotográficos da aula de campo no Museu da Amazônia:
https://www.instagram.com/p/DN3nDI63GIQ/?img_index=1
2. Registros da aula de campo num flutuante do Rio negro:
https://www.instagram.com/p/DN0mWnJ2Inj/?img_index=1
3. Performance “O que é ciência?”, por Jackeline Monteiro e Vitor Lima, com participação dos pesquisadores:
<https://www.instagram.com/p/DNwlf3F0m7D/>
<https://www.instagram.com/p/DNwMG93WOGx/>
<https://www.instagram.com/p/DNt1DeGUuo3/>
4. Bibliografia utilizada:
<https://www.instagram.com/p/DNHDIyKOYcO/>

LAVANDO PALAVRAS COM GILLES DELEUZE

**MANIFESTO DAS CIÊNCIAS'RIO:
PARAVRAS EM CORRENTEZA**

*Ana Maria Xavier da Silva Neta
Mônica de Oliveira Costa*



O rio das curvas

Lavar as palavras é abrir frestas na linguagem para que a respiração daquilo que não se sabe possa atravessar o corpo. É o que Deleuze e Guattari chamam de linhas de fuga: movimentos que não negam o mundo, mas desviam, dobram e reinventam. Escrever é experimentar essa velocidade do pensamento que não se prende por definições rígidas. Como se cada palavra, antes de ser um conceito, fosse um corpo: corpo'Ciência, corpo'Filosofia, corpo'Método, corpo'Arte, corpo'Linguagem, corpo'Gente. Palavras'corpo, palavras'rio, palavras'floresta, palavras que convocam as águas para inventar outras vidas.

Uma linha de fuga não é uma saída, mas uma entrada outra. Lavar as palavras é produzir rachaduras, rasgar o tecido do que já está instituído para que nelas passem ventos, memórias e vozes múltiplas. **Não se trata de apagar o conceito, mas de atravessá-lo com vida, com experiência, com aquilo que insiste e resiste na borda.** A ciência lavada deixa de ser um método fechado e se torna corpo poroso, aberto ao inesperado. A filosofia lavada não é só a história dos sistemas, mas a força de pensar com o mundo, não sobre ele. **Lavar é mergulhar as palavras naquilo que as excede, naquilo que a teoria sozinha não alcança. Rios.**

E o método? Lavar é deixar de ser trilha única e se tornar rizoma. Deleuze e Guattari lembram que um rizoma não começa nem termina, mas sempre recomeça no meio (no entre). Método'linha, método'fissura, método que permite à arte enfrentar o caos e criar um cosmos. Assim como, também, lavar a linguagem é devolvê-la à sua estranheza.

Escrever como quem fala em voz alta para si, e, de repente, se reconhece no som do que não sabia. O

sujeito lavando-se descobre que não é fixo, mas rizomático: múltiplas linhas atravessam cada um de nós. Somos constelações de modos de existência, parciais, sempre em devir.

A cartografia lavada não quer capturar o território, mas segui-lo. É mapa que se desenha enquanto caminhamos, mapa que se apaga e se refaz, mapas-ensaios. Atenção, confiança, presença, entrega, precisamos fazer lavagens lentas, pois nelas habitam os gestos de pesquisas outras, que não separam o corpo do pensamento, a razão da emoção, as águas das terras.

Dizer de uma ciência contracolonial. É preciso primeiro lavá-la de tudo que a universidade aprisiona. Temos que tirar a ideia dos saberes únicos, sermos contra a universidade que se fecha em muros e hierarquias. **A universidade lavada talvez seja aquela que aprende com a floresta, com os rios, com as mulheres que fazem ciência sem precisar separar saber e vida.**

Clarice Lispector dizia “Escrevo como quem aprende.” Lavar as palavras é isso: escrever para desaprender as certezas, para permitir que outros mundos sejam possíveis naquilo que dizemos. Cada palavra lavada se torna um convite ao devir, à criação, àquilo que nunca cabe inteiro na teoria, mas atravessa como vento.

Lavar a palavra Ciência. Diante de tantos negacionismos e políticas de morte, multiplicar outras ideias de Ciência.

Lavar a Ciência até que o sentir, o sonhar, o florestear materializem outras possibilidades inventivas e provocativas de um amanhecer diário.

Lavar a Ciência da pressa, do não respirar, das pressões dos supostos resultados a serem alcançados, do ranqueamento dos ditos sucessos científicos.

Lavar a Ciência que produz em larga escala.

Lavar a Ciência dos modismos.

Fecho os olhos. Entro em sonho. Sinto no movimento do barco que estamos passando numa curva. Sinuosa. Longa. Demorada. Chegamos a um porto. Rio transbordando. É tempo de cheia. O racional é abandonado. Não é de natureza explicativa, comprobatória. As lágrimas vêm. Elas sempre vêm. Substituem as palavras. Um outro modo de encontro. É como se o coração do rio tocasse o meu coração.

As conversas com as águas que estão depois da curva convocam uma ciência outra. CiênciaS, no plural, como modo de agir no mundo. Uma ciência Clínica – devir, cura, linguagens.

Essas águas lavam o enquadramento cartesiano que colou à Ciência uma ideia de comprovação da Verdade, generalização dos resultados, e a ideia de uma única ciência.

Afirmar uma Ciência'Vida'Viva.

Enamoradas com Krenak, dispparamos a necessidade de olhar a partir de outras perspectivas, inventar uma ciência em encontros com raízes, folhas, águas... **Multiplicar as possibilidades de se pensar ciência para além dos humanos. CiênciaS germinantes.** Em estado de inauguração. A ciência não como resultado, mas como vida, uma maquinaria para produzir e ocupar brechas.

Lavo ciência na beira do rio.
Deixo que a água arraste o peso das fórmulas,
que desmanche os gráficos,
que devolva ao barro a exatidão que nunca existiu.
Ciência, agora, é folha caída e se refaz no tempo da chuva.
Filosofia escorre pelos dedos...
Ela não se explica, se respira.
Um sopro que vira pergunta,
Uma pergunta que germina.
O método, vejo como um velho senhor,
ele perdeu o sapato, esqueceu a régua.
Sai dançando descalço na lama, aprende com o tropeço, com o desvio.
A arte enfrenta o caos em aquarelas e inventa cores novas.
O sujeito se quebra em tantos que já não sei quantos são.
Rizomas que crescem na pele,
Lavo com cuidado para não matar o que brota.
Só mais um mergulho...
Lavo a docência contracolonial com as vozes da mata,
com a sabedoria das mulheres que não pedem licença para existir.
Eu também não quero pedir licença.
A universidade é uma canoa, não um prédio.
E, quando termino, percebo: as palavras não são mais as mesmas.
Nem eu.

REFERÊNCIAS

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia da Letras, 2020.

LISPECTOR, Clarice. **Água viva**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

UNIVERSIDADE

*Caroline Barroncas
Natalia Francisca
Hannyn Barbara
Fanuela Vasconcelos*

No Latim medieval “*universitas*” era totalidade, conjunto ou comunidade, designando corporações de mestres e estudantes (*universitas magistrorum et scholarium*) que se reuniam em cidades como Bolonha, Paris e Oxford, a partir do século XII (Jaeger, 2001).

Na Grécia antiga, a *Paideia* constituía o ideal formativo que articulava filosofia, ciência, política e ética. Platão funda sua Academia e Aristóteles, seu Liceu – não como universidades no sentido moderno, mas como **lugares de encontro e transmissão de saberes, em diálogo com a vida da polis**. Assim, a universidade, em seu sentido mais originário, foi concebida como comunidade de pensamento e prática, como horizonte de formação integral (Jaeger, 2001).

Os sumérios e acádios já registravam, em tabuletas de argila, listas de astros, de cálculos e de legislações, como no célebre Código de Hamurabi. A universidade, nesse sentido, estava inscrita na argila e no fogo, como memória coletiva destinada a atravessar gerações.

No mundo árabe-islâmico e turco-persa, a ideia de universidade floresceu nas madraças e nas grandes bibliotecas, como a Casa da Sabedoria, em Bagdá, no século IX, e a de Córdoba, no século X. Machado (2010), em sua tese, aponta que o ensino nas instituições islâmicas de ensino superior precedeu e influenciou o modelo europeu, tanto no método quanto na organização comunitária. Ali, o saber era concebido como rede de traduções, em que autores como Avicena e Averróis preservaram e reinventaram tradições gregas, indianas e persas. **Universidade, então, era uma espécie de *caravançarai* (estalagem pública) do conhecimento: um lugar de passagem e circulação.**

Os mesopotâmicos e os persas concebiam o saber como administração da vida e dos ciclos naturais. Machado (2010) mostra que os textos mesopotâmicos, como o *Enuma Elish*, e as tábuas astrológicas, não separavam cosmos e corpo, deuses e homens, ritos e escrita. Nesse horizonte, **a universidade era invocação e ritual, lugar onde o conhecimento organizava a própria existência cósmica.**

Na Europa medieval, o termo ganha corpo institucional: *universitas* passa a designar a comunidade legalmente reconhecida de mestres e estudantes. Segundo Jacques Verger (1999), as universidades medievais consolidaram a ideia de autonomia relativa, com estatutos próprios e corpo docente-estudantil. No entanto, **ao lavar a palavra universidade, percebemos que ela não nasceu ali, mas carrega vestígios de muitas travessias** – da Mesopotâmia ao Islã, da Grécia ao Ocidente cristão.

Na universidade ocidental (marcada pela vaidade, exclusão, separação entre o que se considera ciência e não ciência), sempre existiu travessias de muitos povos, muitas epistemes, como que para lembrar o esqueleto de sua carne de multiplicidade inerente. Nesse sentido, lavar essa palavra é devolver seu caráter de rio que atravessa culturas, línguas e histórias.

**UNIVERSIDADE NÃO COMO
TRIBUNAL DA CIÊNCIA, MAS
COMO ENERUZILHADA VIVA,
ONDE A VULNERABILIDADE DOS
OSSOS EXPOSTOS SE TORNA
POTÊNCIA DE TRAVESSIA.**

REFERÊNCIAS

MACHADO, Cristina de Amorim. **O papel da tradução na transmissão da ciência: o caso do Tetrabiblos de Ptolomeu.**

Rio de Janeiro, 2010. 273 p. Disponível em:

file:///C:/Users/Info/Downloads/O_papel_da_traducao_na_transmissao_da_ci.pdf

JAEGER, Werner. **Paideia: a formação do homem grego.** 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001. Disponível em :

https://www.academia.edu/22044275/Werner_Jaeger_Paideia_A_forma%C3%A7%C3%A3o_do_homem_grego

VERGER, Jacques. **As universidades na Idade Média.** São Paulo: Edusp, 1999.

DESENVOLVIMENTO

Eriane da Silva Lima
Maria Juciléia da Silva Lima
Nathália Moreira Nunes

Entre Rios e Selvas verdejantes, como no hino ao Careiro, enquanto aguardávamos o início da aula-encontro de “As Bases Epistemológicas do Ensino de Ciências”, iniciamos a lavagem da palavra desenvolvimento, mergulhando nas águas escuras que se assemelham a um chá preto, feito das misturas de decomposição de matéria orgânica oriunda das florestas e comunidades banhadas pelo Rio Negro e seus afluentes.

A palavra desenvolvimento, no português contemporâneo, deriva do verbo desenvolver, com sentidos de fazer crescer, progredir e desenrolar (Ferreira, 2010). Sua etimologia remonta ao latim *volvere*, com sentido de rolar ou fazer girar (Houaiss & Villar, 2001), de onde também emerge o prefixo /des/, indicador de oposição ou reversão. Assim, envolver (do latim *involvere*) equivale a enrolar ou cobrir, enquanto desenvolver seria, literal e etimologicamente, desenrolar, ou seja, libertar aquilo que estava preso ou oculto.

Portanto, desenvolvimento é conceito que abrange crescimento e evolução. Na economia, significa aumento da capacidade de produção e de melhoria de vida. Socialmente, refere-se à promoção de igualdade, melhor educação e saúde, qualidade de vida. No campo pessoal, autoconhecimento, aprimoramento de habilidades. Desenvolvimento, então, parece ser necessário para um mundo melhor.

Meia volta, volver!

Desenvolver à base de quê?

Do que cresce?

Do que progride?

Oculto para quem?

O que é essa qualidade de vida?

Que habilidades serão aprimoradas?

Por que igualdade e não equidade?

Que produção precisa ser aumentada?

Extraímos os frutos das árvores

Expropriam as árvores dos frutos

Extraímos os animais da mata

Expropriam a mata dos animais

Extraímos os peixes dos rios

Expropriam os rios dos peixes

Extraímos a brisa do vento

Expropriam o vento da brisa

Extraímos o fogo do calor

Expropriam o calor do fogo

Extraímos a vida da terra

Expropriam a terra da vida

Politeístas!

Pluristas!

Circulares!

Monoteístas!

Monistas!

Lineares!

(Bispo Dos Santos, 2015, p.17)

Desenvolvimento, quando observada etimologicamente, carrega a ideia de (des)envolver, ou seja, retirar o envolvimento, desfazer o que está embrulhado.

Antônio Bispo dos Santos, conhecido como Nego Bispo, propõe que esse termo, tão presente nas políticas públicas e discursos institucionais, deve ser questionado, pois parte de uma lógica colonial que desconsidera os saberes e modos de vida dos povos tradicionais. **Deixamos de nos envolver para desenvolver, antes nos envolvíamos, realizávamos os afazeres necessários para o bem-viver sempre juntos.** Agora, para ser desenvolvidos vivemos sem envolvimento: sozinhos, fracos e cansados.

Nego Bispo (2023) afirma que precisamos voltar ao saber orgânico: o saber que nos envolve, o saber do ser. Para ele, o desenvolvimento é uma forma de desorganizar o que já está organizado, revelando que, muitas vezes, o uso desse conceito ignora os modos de organização das comunidades quilombolas e indígenas.

Portanto, ao mergulhar no Rio Negro, lavamos a palavra, seus significados impostos, abrindo espaço para outros sentidos possíveis: menos universais, mais enraizados nas águas e florestas da Amazônia.

Descolonizando a palavra.

Em grego, a palavra *physis*, que traduzimos como natureza, nasce do verbo *phuo*: brotar, crescer, deixar-se expandir. O desenvolver-se, nesse horizonte, não se explica por uma lógica externa, mas pelo próprio movimento da vida em seu fluxo contínuo.

Nas cosmologias indígenas, percebemos que a noção de desenvolvimento não encontra tradução imediata. Entre os Yanomami, por exemplo, não há um termo que corresponda a essa ideia. O termo *yanõmami thëpë* significa “seres humanos”, afirmando uma ligação com a floresta e a coletividade, sem separar o viver daquilo que o sustenta. O que, para nós, aparece como progresso, para eles é apenas continuidade da vida em seus ciclos.

Entre os povos Guaraní e Kaiowá, desenvolvimento também se distancia do que o português designa. Mais próximo, tem a palavra *tekohá*, que não é apenas “território”, mas o lugar onde a vida pode florescer: terra, floresta, água, plantas medicinais, o espaço que torna possível existir. Já *arandu* é o “saber” que se acumula na experiência partilhada com o ambiente, na escuta da floresta, no ritmo do tempo vivido – e não em livros..

No tupi-guarani, a palavra *sapó* significa “raiz”, evocando aquilo que nutre e sustenta, em um sentido muito próximo da vida que se fortalece a partir do que a conecta ao chão. E *aysú*, traduzida como “amor”, não se restringe ao afeto entre pessoas, mas nomeia um vínculo profundo que envolve natureza, comunidade e espírito.

Dessa maneira, ao atravessarmos diferentes línguas e mundos, vemos que o desenvolver-se não é, necessariamente, avançar ou acumular. Pode ser criar raízes, manter a vida em equilíbrio e tecer relações que fortalecem a coletividade.

O desenvolvimento, nesse sentido, não é um destino, mas um modo de estar no mundo em conexão com aquilo que nos permite a existência.



REFERÊNCIAS

BISPO DOS SANTOS, Antônio. **Colonização, Quilombos: modos e significados**. Brasília. INCTI: Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia de Inclusão no Ensino Superior e na Pesquisa, 2015.

BISPO DOS SANTOS, Antônio. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editoria/PISEAGRAMA, 2023.

DICIONÁRIO TUPI-GUARANI. Disponível em:

<https://maniadehistoria.wordpress.com/mini-dicionario-tupi-guarani/>

ESCOBAR, Arturo. **Sentipensar com a Terra: novas leituras sobre desenvolvimento, território e diferença**. São Paulo: Editora Elefante, 2016.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro Sales. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

ARTE

Jackeline dos Santos Monteiro
Lúcia Cristina Cortez de Barros Santos
Vitor de Lima Gonçalves

Acontecimento
Relacional da
Transdisciplinaridade do
Encanto

Nossa lavagem é um suspiro em águas territoriais
Amazônidas, do que nos toca, da essência ancestral de
uma memória que foge do pensar tradicional, da conexão
com a vida humana e não humana, do sentir, das
experiências com o *vidarte, educarte, florestarte* e muitos
outros modos de *videxistência*. No que nos atravessou
durante as travessias da disciplina “As Bases
Epistemológicas do Ensino de Ciências”.

Nada aqui é por acaso. Traços, cores, fontes... Tudo tem
um significado para nós. Porém, deixamos que sigam seus
próprios mergulhos para pensar os detalhes.

Segundo o Dicionário Oxford de Arte, **arte** é uma
atividade humana que envolve talento criativo ou
imaginativo, abrangendo diversas áreas como a pintura,
escultura, música e literatura.

Do latim *ars*, literalmente "técnica", "habilidade", "conhecimento" ou "maneira de fazer", arte é uma gama diversificada de atividades humanas e seus produtos resultantes: envolve talento criativo ou imaginativo, geralmente expresso em proficiência técnica, beleza, poder emocional ou ideias conceituais.

A raiz mais remota do termo encontra-se na raiz indo-europeia “*ar*”, presente no sânscrito, cujo sentido é “fazer”, “produzir” ou “adaptar”. No grego antigo, o conceito equivalente era “*téchne*” (τέχνη), de onde vem técnica, significando, também, habilidade adquirida e ligação entre mestre e discípulo, posteriormente traduzido pelos romanos como “*ars*”.

A palavra **arte** passou, com o tempo, de significar apenas habilidade prática para englobar atividades criativas com objetivos estéticos, ligados à expressão, beleza, comunicação, emoção e, mais recentemente, crítica e reflexão.

Conceitualmente, **ARTE** passou por várias transições. Mas ainda é muito comum falar em ~~arte~~ para dizer de algo mais erudito: artes plásticas, por exemplo – algo clássico. No entanto, não queremos nos prender a isso.

Nosso exercício transita pelo sentir, transbordar, abstrato, concreto, devaneio, caos.

Nosso exercício se realiza na ruptura.

Nosso exercício transborda na vida.

A RTE não é espelho, nem cópia, nem imitação de um real prévio.

É rizoma, é fluxo, é aquilo que escapa das formas rígidas e se faz sempre em variação.

Nossa travessia é deixar a correnteza expulsar o conceito de ~~arte~~ como disciplina delimitada, como pintura, música, teatro, dança, para reconhecê-la como potência de vida, como devir. Todos somos artistas, não porque dominamos técnicas, e, sim, porque nos afetamos e produzimos afetos.

ARTE é vento.

Não pede moldura, não exige palco, não se contenta em caber numa definição. Vai e vem, move-se em direções imprevisíveis, desloca nossos corpos, arranca nossos pensamentos do chão da obviedade.

Ela não se encerra em produto: é um processo.

Ela não se aprisiona em estilo: derrama multiplicidades.

O que importa não é “o que é arte”, mas o que a arte faz: suas linhas de fuga, **seus encontros de intensidades**, seus atravessamentos entre o humano, o não humano e o ainda impensado.

ARTE é o fora que nos atravessa e o dentro que nos implode, sem limitação. É **afecção** que inventa mundos, fabulações, corpos outros. É o abstrato que, paradoxalmente, nos torna mais concretos na experiência de viver. É despregar da tradição que a cristaliza e abri-la ao banheiro das diferenças. É corpaço, mistura de ossos, veias, cipós e letras que se torcem em novas formas. Uma vida-conceito em movimento, sempre no entre, sempre no vir-a-ser.

ARTE É IMAGISSOPRO: IMAGEM QUE SOPRA E SE DISSOLVE NO INSTANTE EM QUE NASCE.

É **VENTOMENTE**, PENSAMENTO QUE NÃO SE FIXA, MAS VAGA COMO BRISA INDOMÁVEL.

É **RIOSCRITO**, ESCRITA QUE SE DEFORMA, QUE SE DISTORCE, QUE CRIA SUAS PRÓPRIAS OUTRAS ÁGUAS.

REFERÊNCIAS

AIDAR, Laura. **Significados. Arte e Cultura**. Disponível em: <https://www.significados.com.br/arte/>

FADC. **100 anos da Semana de Arte Moderna:** o conceito de arte e suas formas de expressão. Disponível em: <https://www.fadc.org.br/noticias/100-anos-da-semana-de-arte-moderna-o-conceito-de-arte-e-suas-formas-de-expressao>

ETIMOLOGIA. **Etimologia, origem do conceito. Etimologia de Arte**. Disponível em: <https://etimologia.com.br/arte/>

HORA MARTE. **O que é arte**. Disponível em: <https://www.pan-horamarte.com.br/2017/03/o-que-e-arte/>

LINGUAGEM

Jucinei de Souza Pereira
Kamila Queiróz Guimarães
Vinicius Costa Matos
Yara de Sousa Basílio

Em sânscrito, o símbolo **वचन** (*bhāṣā*) corresponde à “capacidade de comunicar-se por meio de palavras ou gestos”. **A linguagem pode ser considerada o maior feitiço inventado pelo ser humano**, pois possui poder para curar, machucar e até destruir.

Na tradição bíblica, a linguagem também ocupa um lugar central. O episódio da Torre de Babel — cujo termo significa “confusão” — é interpretado como o momento em que teria ocorrido a origem da diversidade de línguas faladas no mundo.

A noção de linguagem, tanto no contexto acadiano quanto na perspectiva de Roland Barthes em *Aula* (1977), é muito mais do que um simples sistema de signos. Em ambos os casos, assume um papel de poder, identidade e disputa simbólica.

No caso acadiano, a linguagem é compreendida como elemento central na construção de uma identidade coletiva. Ela não se restringe ao francês “padrão”, mas engloba também variantes locais, como o *chiac*, bem como representações sociais e ideológicas ligadas à resistência cultural e política.

Nesse contexto, é, então, patrimônio e, ao mesmo tempo, reinvenção, servindo como espaço de afirmação da resistência do acadiano diante das pressões externas – a dominação do inglês, por exemplo. Dessa forma, para os acadianos, linguagem é movimento — elos que carregam memórias, tradições e lutas, mas que, também, se transformam a partir do encontro de culturas.

Em Barthes (1977), no contexto capitalista, a linguagem é vista como instrumento de poder e ideologia. Para o autor, no capitalismo, os signos não circulam de forma neutra, mas como mercadorias padronizadas que legitimam hierarquias sociais e reforçam relações de dominação simbólica. Apesar disso, Barthes ressalta a possibilidade da linguagem também se abrir à criação e à resistência, rompendo com sua função institucionalizada e escapando parcialmente à lógica mercantil.

Os dois pensamentos atribuem à linguagem um caráter político, social e cultural, indo além da comunicação: tanto as formulações acadianas quanto o pensamento de Barthes enfatizam a linguagem a partir de possíveis (e impossíveis) sobrevivências culturais contra-hegemônicas.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA. **A bíblia da mulher**: leitura, devocional, estudo. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2011.
BARTHES, Roland. **Aula**. São Paulo: Cultrix, 1977.

BOUDREAU, Annette. **A construção das representações linguísticas na Acádia**. Interfaces Brasil/Canadá, Rio Grande, n. 10, 2009. Tradução de Ana Lúcia Silva Paranhos. Disponível em:

<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/interfaces/article/download/7059/4884>

BOURDIEU, Pierre. **Ce que parler veut dire**. Paris: Fayard, 1982. Disponível em:

<https://www.google.com/search?q=https://geics.paginas.ufsc.br/files/2012/11/BOURDIEU-P.-A-economia-das-trocas-lingu%25C3%25ADsticas.pdf>

BLOMMAERT, Jan; VERSHUEREN, Jef. **Debating Diversity: Analysing the Discourse of Tolerance**. London: Routledge, 1998. Disponível em:

<https://biblio.ugent.be/publication/300745>

CIVIL, Miguel; GELB, Ignace J.; OPPENHEIM, A. Leo; REINER, Erica (Ed.). **The Assyrian Dictionary of the Oriental Institute of the University of Chicago**. Chicago: The Oriental Institute, 1973. Disponível em:

<https://oi.chicago.edu>

GLOSBE. **Dicionário acadiano-português**. Disponível em:

<https://pt.glosbe.com/akk/pt>

LABOV, William. **Sociolinguistic Patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1976. Disponível em:

<https://archive.org/details/sociolinguisticp00will>

MILROY, James; MILROY, Lesley. **Authority in Language: Investigating Standard English**. London: Routledge, 1987. Disponível em:

https://archive.org/details/authorityinlangu0000milr_k9k2

FILOSOFIA

*Addryan Ryan Torres Cruz
Matthaeus Anderson Lima de Jesus
Paulo Roberto Silva dos Anjos*

A palavra Filosofia surge de dois conceitos complexos e igualmente libertadores: “*Philo*”, que significa amor, e “*sophia*”, que significa sabedoria. **Amor à sabedoria**, amor ao conhecimento. Porém, não amor no sentido de possuir, não o amor de ter alguém ou algo nas mãos, seguro. **É um amor inquieto**, que não se satisfaz nunca, que corre atrás de algo que, talvez, nem seja alcançável - impossíveis. Filosofia, portanto, não começa sua navegação no saber, mas sim na falta dele.

O grande problema é que esse amor se tornou burocrático, político, ideológico e erudito. Há dois mil anos, Sêneca (s.d., apud Epifania Experiência, 2019) já denunciava isso: o risco da Filosofia se transformar em Filologia (o estudo das palavras), por meio de erros dos mestres e alunos, os quais buscavam o desenvolvimento do debate e da perspicácia, em detrimento do **desenvolvimento da alma e da arte de viver**.

Não mais vida, prática, enfrentamento da morte, do medo, da alegria, era (ou ainda é/) o mais importante, mas, sim, o exercício de textos, comentários sobre comentários, palavras sobre palavras. Como se o coração da Filosofia fosse arrancado e jogado aos cínicos, sobrando só um esqueleto de metal fino, polido, frio e técnico.

É aqui que a ideia de lavar a palavra emerge no desaguar de tantos conceitos e tantas palavras. Lavar, não para deixar branca, sem mancha ou marcas de uso. É esfregar até arrancar a crosta de clichês encrustados no seu couro. Fazê-la respirar.

Filosofia, lavada, não é disciplina escolar para decorar correntes e principais ideias de um ou de outro pensador, não é listar filósofos ordenados por datas, não é autoajuda. É um modo de viver a vida, é pergunta socrática, é busca, ponderação e prática sobre como lidar – e se juntar – com a arte da vida.

Quando observada por tal ângulo, **Filosofia volta a ser um exercício**. Não um exercício de papel e caneta, mas de corpo e consciência.

Filosofia é fluir no banzeiro [1] que é o imprevisto da vida. Como dito por Epicteto (s.d., apud Epifania Experiência, 2019), *“Pois assim como o material do carpinteiro é a madeira, e a do estatutário é o bronze, a matéria-prima da arte de viver é a própria vida de cada pessoa”*.

E, assim, como qualquer modo de arte, tal exercício é árduo. Requer treino e constância. Treino para suportar o que não depende de si, treino para não se afogar em emoções que nos submergem facilmente, treino para encontrar serenidade em meio à tempestade.

[1] Termo regional, utilizado para descrever as ondulações na superfície de um rio, causado por ações naturais ou passagem de uma embarcação.

Portanto, não faz sentido falar dessa Filosofia sem mencionar duas palavras gestadas no âmago dela: *ataraxia* e *apatheia* (Epifania Experiência, 2024). *Ataraxia*, para os epicuristas e céticos, é aquela almejada tranquilidade na alma, quando as perturbações, enfim, param de bater na porta. *Apatheia*, para os estóicos, é não ser escravizado pelas paixões e sentimentos descontrolados. Não é o ato de virar rocha, mas de ganhar uma espécie de liberdade que ninguém pode roubar.

No fim das contas, lavar a palavra Filosofia é devolvê-la ao seu lugar de origem; é botá-la ao sol e deixar escoar toda crença, ideologia e “pompa”; mostrar sua verdadeira face a quem quiser ver. Filosofia é amar a sabedoria, sabendo que você nunca a possuirá plenamente, é se colocar em prontidão, quando a filologia sufoca a vida, é buscar um estado de serenidade potente, construída com o constante exercício de ponderar, pensar, refletir e outros infindáveis verbos ligados ao amor à sabedoria.

Mas, atenção! Filosofia lavada não é só o que se pensa: é também o que se vive.

REFERÊNCIAS

EPIFANIA EXPERIÊNCIA. **Estoicismo, A Arte de Viver em Paz Sob Qualquer Circunstância**. YouTube, 27 de junho de 2019. Disponível em

<https://www.youtube.com/watch?v=sqLo6C2WGi0>

EPIFANIA EXPERIÊNCIA. **Toda a história da Filosofia**.

YouTube, 28 de agosto de 2024. Disponível em

https://www.youtube.com/watch?v=Y9_UovLgduo

No nascedouro da ciência, os grandes cientistas produziam conhecimento para tocar a imensidão que rodeia a existência. A questão foi e sempre é inescapavelmente existencial, diz Exu. Uma existencialidade (“o que somos nós”, “o que é aqui”) profundamente entranhada aos modos físicos de existir da (e na) terra, como nos ensinam os povos originários ao redor do planeta. Ou seja: uma existencialidade *a la* Galileu, Copérnico, Newton e, até mesmo, Einstein, que modulavam e transduziam suas ciências antes desse grandioso termo (a transcendência) ter sido envenenado na fronteira na Era Comum com entrada acachapante da Igreja no apagamento, controle e homogeneização (sempre por meio de violências brutais) dos diferentes modos de existir.

A transcendência de que falo é imanente: o transcendental presente no misterioso último texto de Deleuze: *“imanência: uma vida...”*. É essa transcendência imanente, como sugere Deleuze que nos convoca a pensar uma ciência não como mero instrumento de dominação ou acumulação de conhecimentos, mas como gesto cósmico de participação no mistério daquilo que chamamos de real.

Desse modo, longe de ser uma negação do transcendente, o imanente é a sua radicalização: não há um *“lá fora”* separado de um *“aqui”*, mas dobras de infinito no finito, vidas que se expressam sob todas as formas – sem se reduzir a nenhuma.

Grandes cientistas (Galileu, Einstein) operaram nesse plano de imanência transcendente – não porque buscassem um Deus além do mundo, mas porque desvendaram (em observações, equações e produções) os ritmos do cosmos – os mesmos que pulsam no coração das florestas, nas danças dos astros e nos cantos-torés dos povos originários. A ciência, em seu nascedouro, era um diálogo com esse mistério imanente; uma resposta ao espanto primordial: o que é isso que nos cerca e nos constitui?

A Igreja, ao confiscar o transcendente e transformá-lo em dogma, separou o sagrado do mundano, o sujeito do objeto, o conhecer do bem viver. Mas a transcendência imanente (aquela que Deleuze vislumbra em *“Imanência: uma vida...”*) dissolve essas dicotomias. Ela é o movimento pelo qual a vida se experimenta a si mesma, sem hierarquias entre humanos e não humanos, entre o físico e o metafísico, entre visíveis e invisíveis. É o que os indígenas, os afrodiaspóricos, Donna Haraway, Exu e outras tantas ontologias sabem quando afirmam que **a terra não é um recurso, mas um parente**. É a geometria (e não apenas números) do próprio devir que Einstein via na curvatura do espaço-tempo.

E é precisamente aí, nessa absurda intuição geométrica de Einstein, que **Deleuze nos alerta que o poder é sempre um impedidor de potência. Enquanto potência é fluxo, criação, devir, o poder é captura, estratificação, paralisia do movimento/inércia.**

No alvorecer da Era Comum, a Igreja e o Estado (em suas primeiras formas centralizadas) começaram a tecer alianças espúrias, institucionalizando o sagrado, transformando a transcendência imanente em transcendência hierárquica, o mistério do real em dogma administrável. As máquinas eclesiástica e estatal, em conluio, passaram a operar como densidades de majoritarização, esmagando as singularidades sob o peso de uma narrativa possível: a do controle dos corpos, das ciências e dos tempos.

Hoje, essa aliança perversa se multiplica: igrejas, poderes majoritários em seus perversos modos neoliberais, corporações tecnocráticas. Todos são agentes da mesma lógica: roubar, envenenar, vilipendiar, depauperar e apagar as vitalidades para convertê-las em poder sobre a vida. Mas a potência, como nos lembram Spinoza e Deleuze, nunca desaparece: ela resiste nos corpos, nos interstícios, nas brechas, nas margens onde a ciência ainda ousa ser pergunta que flui e reflui – e não resposta pronta que domina e mata, onde Exu insiste na terra como um território artístico que não se deixa dominar, onde os corpos dissidentes escapam às normatizações.

A tarefa do pensamento, então, é desatar esses nós de poder para liberar novamente a potência, reativando o “como”, o “quem sabe” e o “e se...”. Porque, no fim, só há ciência, filosofia e corpos radicalmente vivos onde o espanto ainda viceja.

Nesse sentido, segundo Exu, a verdadeira ciência é sempre xamânica: ela não explica o mundo, mas dança com ele, abrindo passagens entre os domínios do visível e do invisível. O laboratório, o observatório, o terreiro e a maloca são espaços de um mesmo questionamento radical – não “o que podemos extrair da natureza”, mas “como participar dignamente desse tecido que nos tece”. A transcendência imanente é, portanto, um convite para descolonizar o pensamento, a reconhecer que o átomo e o espírito, a matemática e o mito, são expressões de uma mesma pergunta nunca respondida, mas sempre vivida: “do que se trata mesmo essa vida que nos atravessa?”.

E, assim, como Deleuze nos lembra, essa “uma vida” não é individual, mas singular: fluxos impessoais que nos atravessam, compõem e ultrapassam. A ciência, quando não está aprisionada pelos regimes de controle, é a arte de mapear singularidades, de traçar linhas de fuga em direção ao aberto. Porque, no fim, conhecer é coexistir e coabitar. E coexistir e coabitar é sempre um ato de amor a isso que chamamos de real em suas irredutíveis diferenças.

E não há nada mais real do que o corpo. Não há nada mais real do que o corpo que canta e dança. Ele é o taru andé radicalmente vivo.

REFERÊNCIAS

TRANCOSO, Déa. **Catimbó Zen: Existências Compartilhadas – uma filha da folha e os Exus Zambarado e Calunga da Calunga Grande em arte, clínica, educação, alegria e cura.** Tese (Doutorado em Educação), Faculdade de Educação, Unicamp, Campinas, 2024. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/1411853>



SOBRE A ORGANIZADORA

DÉA TRANCOSO

Artista da cena, com 35 anos de ofício artístico e científico: artes do corpo, artes da voz, artes da presença, artes da escrita. Cantora, compositora, atriz, performer, diretora, ensaísta. Doutora em Educação/Unicamp/Linha Arte e Linguagem em Educação, com a tese *“Catimbó Zen: Existências Compartilhadas – uma Filha da Folha e os Exus Zambarado e Calunga da Calunga Grande em arte, clínica, educação, alegria e cura”*. Mestre em Estudos Rurais/UFVJM/Linha Sociedade e Cultura, com a dissertação *“O Mastro é o centro do mundo: a cosmologia de João do Lino Mar, Capitão dos Catopês de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito de Bocaiúva, Vale do Jequitinhonha”*. Pós-Doutoranda em Educação em Ciências na Amazônia/Universidade do Estado da Amazônia/Linha Ensino de Ciências: Currículo, Cognição e Formação de Professores”, com a pesquisa *“A lembrança de si mesmo: subjetividades dissidentes e docências ativas em Exu”*. Doutoranda em Artes Cênicas/UFSJ/Linha Performance, Processos e Poéticas Artísticas, com a tese *“Eu vejo o mundo nos olhos de Exu: instaurando o corpo taru andé radicalmente vivo – parresías epistemológicas e práticas de encantaria para um corpo na cena”*. Especialista em Culturas Populares e Tradicionais/URCA. Jornalista/PUC MINAS. Tem interesse por assentamentos de Exu na academia: epistemologias transdisciplinares, produção de brechas para outros mundos possíveis, metodologias artesanais e emancipatórias de pesquisa.

SOBRE AS SUPERVISORAS

CAROLINE BARRONCAS DE OLIVEIRA

Doutora em Educação em Ciências e Matemática pela Rede Amazônica em Educação em Ciências e Matemática/REAMEC. Coordenou o Curso de Licenciatura em Pedagogia da Escola Normal Superior/UEA. Atualmente, coordena o Programa de Pós-graduação em Educação em Ciências na Amazônia/PPGEEC/UEA e é Professora Adjunta do Curso de Licenciatura em Pedagogia e do PPGEEC. Vice-líder do Grupo de Pesquisa Vidar em Intensões, mobilizando estudos e projetos de extensão em currículos vivos com as gentes dos rios e das florestas, bem como articulando parcerias regionais, nacionais e internacionais com pesquisadores que investigam, a partir de um olhar (multi)interdisciplinar, processos em Educações, Artes, Ciências e Saberes Ancestrais. Tem experiência na área de Educação e Ensino de Ciências, atuando nos seguintes temas: Formação de Professores em Educação em Ciências, Currículo, Práticas de Subjetivação e Narrativas (Auto)biográficas, a partir de perspectivas pós-estruturalistas.

MÔNICA DE OLIVEIRA COSTA

Doutora em Educação em Ciências e Matemática pela Rede Amazônica em Educação em Ciências e Matemática/REAMEC. Mestra em Educação e Ensino de Ciências na Amazônia/Universidade do Estado do Amazonas/UEA. Especialista em Psicopedagogia. Graduada em Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal do Amazonas/UFAM, com Habilitação em Supervisão e Orientação Escolar. Atualmente, é professora/pesquisadora na UEA, mobilizando discussões, estudos e projetos que articulam temas como Formação de Professores, Currículo, Estágio, Educações, Ensino de Ciências e Amazônia, a partir de perspectivas pós-estruturalistas.

E-book produzido com a família de fonte Calibri.